

**FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES**  
**DIRECCIÓN DE POSTGRADOS**



**MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

**ETEVALDO DA SILVEIRA CALDAS**

**A FAMÍLIA E SUA INFLUÊNCIA NO DESEMPENHO ESCOLAR DOS  
ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE CANDIBA  
- BA**

**Assunção – Paraguai**  
**2019**

**ETEVALDO DA SILVEIRA CALDAS**

**A FAMÍLIA E SUA INFLUÊNCIA NO DESEMPENHO ESCOLAR DOS  
ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE CANDIBA  
- BA**

Tese de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação da Faculdade Interamericana de Ciências Sociais, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Antunes Moreira

**Assunção – Paraguai  
2019**

**ETEVALDO DA SILVEIRA CALDAS**

**A FAMÍLIA E SUA INFLUÊNCIA NO DESEMPENHO ESCOLAR DOS  
ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE CANDIBA  
- BA**

Tese de Mestrado apresentada ao Programa de Postgrado da Facultad Interamericana de Ciencias Sociales, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Educação.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

---

Profa. Dra. Maria Aparecida Antunes Moreira (Orientadora)  
Universidade Evangélica do Paraguai - UEP

---

Membro da Banca

---

Membro da Banca

---

Membro da Banca

Dedico este estudo à minha esposa Leia, por todo o tempo de companheirismo, compreensão e amor.

Aos professores, funcionários, alunos e equipe gestora do Colégio Cerqueira Campos por fazerem parte deste trabalho de pesquisa.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por acreditar na existência de uma força divina que nos dê sentido à vida.

À professora orientadora, Cida Moreira pelo direcionamento deste trabalho assim como, pela compreensão e disposição em atender a todo momento.

Aos colegas Valdimir e Maria do Amparo pelos momentos de estudo, troca de ideias, incentivo e companheirismo durante essa jornada.

Aos professores do curso pelas contribuições deixadas por cada um deles.

Aos professores: Dr. José Carlos Moreira e Dr<sup>a</sup> Maria Sônia Oliveira pelas indicações de leitura.

Aos alunos e seus respectivos pais pela disponibilidade que tiveram em colaborar com esta pesquisa.

Aos meus pais que, mesmo com a pouca escolaridade, sempre defenderam a educação para os filhos, souberam respeitar minhas decisões incentivando a formação acadêmica.

À minha esposa e amiga Leia, com nossos pequenos Mateus e Ana Luiza, pela paciência e incentivo a que me foi dado.

Ao professor e colega Sinézio Guimarães pela contribuição com a tradução do resumo.

À colega e professora Etelvina Queiroz pelas sugestões e contribuições para a condução deste trabalho.

A todos os colaboradores que, comigo partilharam receios, dificuldades e sucessos, me permitindo sentir o doce sabor da verdadeira amizade e cooperação.

*A formação de um cidadão se dá pela educação, que é o produto da estrutura familiar com os parâmetros da educação escolar.*

(Monique de Carvalho)

## RESUMO

A presente pesquisa, objetivou-se analisar a participação dos pais ou responsáveis nas reuniões e eventos realizados no Colégio Estadual Cerqueira Campos, no período de 2016 a 2018, e o reflexo dessa participação no desempenho escolar dos estudantes do Ensino Médio. Sabe-se que o desempenho escolar de estudantes é um assunto que as famílias e os profissionais em educação devem acompanhar, pois é importante compreender se o baixo rendimento dos alunos resultam de fatores dos ambientes nos quais eles estão inseridos. Esse objetivo geral desdobra-se nos seguintes objetivos específicos: Verificar o comparecimento dos pais nas reuniões e eventos promovidos pelo colégio nos anos de 2016 a 2018; Identificar o desempenho acadêmico dos alunos do primeiro ano do Ensino Médio em 2016, 2017 e 2018; Averiguar se os alunos com maiores rendimentos, em nota, são aqueles que os pais têm maior participação nas reuniões e; Investigar o contexto sócio familiar do aluno. Para tanto utilizamos para subsidiar nossa análise os autores Nascimento (2014); Roudinesco (2003); Vilhena (2005); Vila Nova (2000); Danda Prado (1981); Samara (1983); Bourdieu (2002). Após as análises dos dados, identificou-se que poucos pais comparecem assiduamente nas reuniões e eventos promovidos pelo colégio, apesar de acharem muito importante a participação nas atividades desenvolvidas pela escola. Quanto ao desempenho acadêmico dos alunos, ficou visível que os maiores rendimentos, em nota, não tem relação com a participação nas reuniões, visto que do total pesquisado identificou-se maior assiduidade de pais/mães com filhos que tem nota abaixo da média enquanto a maioria dos pais/mães com filho acima da média nem sempre estão presentes nas reuniões.

**Palavras chaves:** Família-escola. Rendimento escolar. Reuniões escolares.

## RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo analizar la participación de los padres o tutores en reuniones y eventos celebrados en el College Cerqueira Campos, de 2016 a 2018, y el reflejo de esta participación en el rendimiento escolar de los estudiantes de secundaria. Se sabe que el rendimiento de los estudiantes es un tema que las familias y los profesionales de la educación deben seguir, porque es importante comprender si el bajo rendimiento de los estudiantes se debe a factores en los entornos en los que se insertan. Este objetivo general se despliega en los siguientes objetivos específicos: Verificar la asistencia de los padres a las reuniones y eventos patrocinados por la escuela de 2016 a 2018; Identificar el rendimiento académico de los estudiantes de primer año de escuela secundaria en 2016, 2017 y 2018; Averigüe si los estudiantes con los ingresos más altos, en el grado, son los que tienen la mayor participación en las reuniones y Investigar el contexto social familiar del alumno. Para esto usamos para apoyar nuestro análisis los autores Nascimento (2014); Roudinesco (2003); Vilhena (2005); Vila Nova (2000); Danda Prado (1981); Samara (1983); Bourdieu (2002). Después de analizar los datos, se encontró que pocos padres asisten regularmente a reuniones y eventos promovidos por la escuela, aunque consideran que es muy importante participar en las actividades escolares. Con respecto al rendimiento académico de los estudiantes, fue visible que el ingreso más alto, en una nota, no está relacionado con la participación en las reuniones, ya que del total investigado se identificó una mayor asistencia de padres con hijos que tienen un grado inferior al promedio mientras La mayoría de los padres con hijos por encima del promedio no siempre están presentes en las reuniones.

**Palabras clave:** Familia-escuela. Rendimiento escolar. Reuniones escolares



## ABSTRACT

This research aimed to analyze the participation of parents or guardians in meetings and events held at the Colégio Estadual Cerqueira Campos, from 2016 to 2018, and the reflection of this participation in the school performance of high school students. It is known that student performance is a subject that families and the professionals in education should follow, because it is important to understand if the low performance of students result from factors in the environments where they are introduced. This general objective unfolds into the following specific objectives: Verify parental attendance at school-sponsored meetings and events from 2016 to 2018; Identify the academic performance of first year high school students in 2016, 2017 and 2018; Find out if the students with the highest grades are the ones whose parents have the most participation in the meetings and; Investigate the student's social family context. Therefore thus, we use to support our analysis the authors Nascimento (2014); Roudinesco (2003); Vilhena (2005); Vila Nova (2000); Danda Prado (1981); Samara (1983); Bourdieu (2002). After analyzing the data, it was found that few parents regularly attend meetings and events promoted by the school, although they find it very important to participate in school activities. Regarding the students' academic performance, it was visible that the highest grades are not related to the participation in the meetings, since from the total researched we identified a higher attendance of parents whose children have below average grade while the majority parents of children with above average grades are not always present at the meetings.

Key-words: Family-school. School performance. School meetings

## LISTA DE QUADROS

1. QUADRO 01: DADOS SOBRE PAIS/MÃES DE ALUNOS.....60
2. QUADRO 02: DADOS SOBRE OS ALUNOS.....61

## LISTA DE GRÁFICOS

1	GRÁFICO 01: Domicílio – rural e urbano.....	62
2	GRÁFICO 02: Identificação de gênero.....	63
3	GRÁFICO 03: Atividade profissional.....	64
4	GRÁFICO 04: Escolarização.....	65
5	GRÁFICO 05: Participação dos pais nas reuniões.....	76

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC – Atividade Complementar  
AVE – Artes Visuais Estudantis  
CECC – Colégio Estadual Cerqueira Campos  
DANCE – Dança Estudantil  
DIREC – Diretoria Regional de Educação  
EJA – Educação de Jovens e Adultos  
EPA – Educação Patrimonial e Artístico  
FACE – Festival Anual da Canção Estudantil  
FESTE – Festival de Teatro Estudantil  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica  
JERP – Jogos Escolares da Rede Pública  
LDB – Lei de Diretrizes e Bases  
MEC – Ministério da Educação  
NTE – Núcleo Territorial de Educação  
PPP – Projeto Político Pedagógico  
PROEI – Programa de Educação Integral  
PROVE – Produção de Vídeo Estudantil  
REDA – Regime Especial de Direito Administrativo  
SEC – Secretaria de Educação  
TAL – Tempos de Arte Literária  
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2. MARCO TEÓRICO.....</b>	<b>18</b>
<b>2.1 Abrangência do termo família .....</b>	<b>18</b>
<b>2.2 A influência religiosa e o lugar da mulher na família.....</b>	<b>22</b>
<b>2.3 Modelo de família patriarcal: a família brasileira.....</b>	<b>28</b>
<b>2.4 Conceito de família na atualidade.....</b>	<b>34</b>
<b>2.5 A Relação família escola.....</b>	<b>35</b>
<b>2.6 O jovem no contexto escolar.....</b>	<b>42</b>
<b>3. PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>47</b>
<b>3.1 Caracterização do campo da pesquisa.....</b>	<b>48</b>
<b>3.2 Caracterização do município.....</b>	<b>54</b>
<b>3.3 Sujeitos da pesquisa e critério de seleção.....</b>	<b>57</b>
<b>3.4 Instrumento de coleta de dados.....</b>	<b>57</b>
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>60</b>
<b>4.1 Descrição do perfil das famílias .....</b>	<b>60</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>78</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>80</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>84</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por finalidade analisar a participação dos pais ou responsáveis nas reuniões e eventos realizados no Colégio Estadual Cerqueira Campos no período de 2016 a 2018 e o reflexo dessa participação no desempenho escolar dos estudantes do Ensino Médio.

A escolha do tema se deu a partir de uma inquietação sobre como a participação da família nas atividades realizadas na escola pode contribuir com a melhoria do processo de aprendizagem dos estudantes do Ensino Médio, haja vista que a maioria das pesquisas que discute essa temática, aborda-a no contexto da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, principalmente, nos Anos Iniciais. Sendo assim, o objeto de estudo desta pesquisa é a relação família-escola e sua contribuição para a melhoria da aprendizagem de estudantes do primeiro ano do Ensino Médio, de um Colégio Estadual da Bahia, no período de 2016 a 2018.

Entende-se que a presença da família na escola é de grande relevância, pois pode contribuir significativamente com a formação dos estudantes, com a gestão escolar e com a escola como um todo. Além disso, ao participarem ativamente das atividades realizadas na escola, os pais podem ficar informados sobre o andamento dos trabalhos escolares, podendo melhor acompanhar a atuação dos filhos, seja no que diz respeito à aprendizagem, assim como em relação à conduta deles frente a colegas, professores e funcionários da unidade escolar.

Aqui cabe uma ressalva quanto ao termo acompanhamento escolar, uma vez que é possível encontrar pais totalmente assíduos nas reuniões convocadas pela escola, mas que não acompanham com eficácia os trabalhos extraclases dos filhos. Ao mesmo tempo é possível encontrar a situação inversa, pouca participação nas reuniões e eficiente acompanhamento em casa.

Neste trabalho, opta-se por investigar a presença dos pais na instituição escolar quando convocados para reuniões e demais eventos. Existe

uma preocupação do Colégio Estadual Cerqueira Campos (CECC) em valorizar a presença e a participação das famílias na escola. Uma das estratégias tem sido registrar em uma planilha de acompanhamento a presença dos pais ou responsáveis nas reuniões escolares porque entende que a presença da família amplia os canais de comunicação e que as possibilidades de aprendizagem vão além da sala de aula.

Analisando a relação família-escola compreende-se que a família é a principal parceira nessa relação, pois ela é a instituição responsável pela educação primária do indivíduo – o modo de se alimentar, de se vestir, a higiene, o tratamento para com os outros, as primeiras palavras, os primeiros passos e, assim, sucessivamente. Trata-se da base fundamental para o desenvolvimento do indivíduo enquanto ser social. Se o papel da escola é formar o aluno para o exercício da cidadania, inserindo-o no contexto político-social em que se vive, grande parte dessa preparação é feita através da orientação familiar.

Entende-se que a escola é o lugar de consolidar o indivíduo como ser social, capaz de estabelecer relações com outros membros da sociedade e resolver problemas de forma autônoma. Assim, a escola assume um papel político na medida em que procura, intencionalmente, imprimir aos jovens e crianças uma forma de ver e interpretar o mundo. Levando em consideração que uma das funções da escola é preparar o aluno para viver em sociedade, não há como negar a importância em manter uma relação constante entre a instituição de ensino e a família. Além disso, a escola deve estar sempre aberta para receber não apenas os pais, mas também a comunidade na qual o aluno está inserido, pois todos possuem a responsabilidade de participar da formação escolar dos/as estudantes.

Nota-se que o número de pais que frequentam o Colégio Estadual Cerqueira Campos vem diminuindo significativamente a cada ano e há indícios de que esse fator tem influenciado nos rendimentos dos/as estudantes. Dessa forma, este trabalho buscou analisar os estudos já publicados sobre a temática e se apoiou em diferentes teóricos que discutem a contribuição da família para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem, a fim de compreender se o

acompanhamento familiar tem trazido bons resultados ao rendimento escolar dos estudantes do Colégio mencionado.

Com base nesses argumentos, utilizamos como questão de pesquisa: Em que medida a participação dos pais ou responsáveis nas reuniões e nos eventos realizados no Colégio Estadual Cerqueira Campos, na Bahia, pode contribuir para melhorar o desempenho acadêmico dos estudantes do Ensino Médio, no período de 2016 a 2018?

A partir desse questionamento traçou-se como objetivo geral: Analisar a participação dos pais ou responsáveis nas reuniões e eventos realizados no Colégio Estadual Cerqueira Campos, no período de 2016 a 2018, e o reflexo dessa participação no desempenho escolar dos estudantes do Ensino Médio.

Esse objetivo geral desdobra-se nos seguintes objetivos específicos: Verificar o comparecimento dos pais nas reuniões e eventos promovidos pelo colégio nos anos de 2016 a 2018; Identificar o desempenho acadêmico dos alunos do primeiro ano do Ensino Médio em 2016, 2017 e 2018; Averiguar se os alunos com maiores rendimentos, em nota, são aqueles que os pais têm maior participação nas reuniões e; Investigar o contexto sócio familiar do aluno.

Utilizou-se a hipótese de que quando os pais participam das reuniões escolares e outros eventos realizados pela escola, os filhos conseguem ter um desempenho melhor durante o ano letivo. Contudo, acredita-se que além da participação dos pais ou responsáveis, outros fatores são importantes no processo de aprendizagem dos estudantes, como por exemplo, a força de vontade do aluno, escolaridade dos pais e contexto histórico social vivido por cada estudante.

Diante do exposto, este trabalho é de grande relevância para o campo científico porque irá ampliar as discussões sobre o tema, principalmente por estudar a temática no Ensino Médio. No que se refere ao campo acadêmico, esta pesquisa poderá servir como base para outros estudos e contribuir com a formação dos futuros docentes, de modo que eles compreendam a importância da participação da família na formação dos estudantes do Ensino Médio.



Além disso, esta pesquisa é de grande relevância social, pois traz informações sobre a relação família-escola e o desempenho dos estudantes do Ensino Médio, sendo que a divulgação de tais dados poderá mobilizar os pais ou responsáveis para uma efetiva participação nas reuniões e eventos realizados pela instituição escolar, a fim de contribuir com a melhoria da aprendizagem dos/as estudantes do Ensino Médio.

A fim de compreendermos se os alunos com maiores rendimentos, em nota, são aqueles que os pais têm maior participação nas reuniões, dividimos esta pesquisa em quatro capítulos, na parte introdutória fazemos a apresentação do tema, os objetivos desse trabalho bem como a importância em discutir a relação família-escola no sentido de aprimorar o processo educativo dos estudantes, mais particularmente dos estudantes do Ensino Médio. Neste contexto, a família é sempre entendida como a principal responsável pela formação do indivíduo e por isso não pode ficar distante da Instituição Escolar.

O segundo capítulo trata-se da fundamentação teórica em torno do objeto dessa pesquisa - a relação família-escola. Para tanto, abordamos inicialmente, o conceito de família enfatizando-a enquanto entidade dotada de poder educativo. Em seguida abre uma discussão sobre a posição de subordinação da mulher no ambiente familiar, salientando que essa condição foi sendo sustentada pela Igreja ao longo do tempo.

Ao destacar a relação de hierarquia dentro da família não poderia deixar de abordar, neste capítulo, a concepção de família patriarcal no Brasil, sua organização e seus reflexos na sociedade atual. O capítulo dois também traz um tópico sobre a relação família-escola que, à luz de autores como Vitor Henrique Paro e Maria Claudia Dal'Igna, procura discutir a importância da boa comunicação entre a família e a escola como também analisar que relação de poder pode estar presente nessa relação. O capítulo finaliza discutindo o adolescente no contexto escolar mais especificamente sobre qual a concepção dos jovens em relação a educação escolar.

O terceiro capítulo refere-se ao percurso metodológico utilizado neste trabalho, aos rumos seguidos e assumidos. Trata-se do momento de descrição

e apresentação do campo e dos sujeitos da pesquisa, quais critérios foram estabelecidos nas escolhas. Sabendo da complexidade da pesquisa qualitativa na área educacional, a postura do pesquisador torna-se primordial para analisar e interpretar a realidade dos sujeitos.

No quarto capítulo ocorre a análise e interpretação dos dados. Trata-se do momento da apresentação dos resultados coletados que, associados às ideias de alguns autores citados nesta pesquisa, busca-se encontrar explicações para os questionamentos feitos no início deste trabalho.

Por último, nas considerações finais, e a partir das abordagens dos capítulos anteriores, procura-se evidenciar a influência da participação dos pais nas reuniões e eventos da escola, ressaltando em que medida pode contribuir para melhorar o desempenho acadêmico do aluno.

## **2. MARCO TEÓRICO - “HOMEM AO LADO DA RAZÃO E MULHER AO LADO DE TODOS OS PERIGOS”: O CONCEITO DE FAMÍLIA AO LONGO DA HISTÓRIA**

Neste capítulo, buscamos compreender como o conceito de família vem se constituindo ao longo dos séculos e sua influência na escola e na vida estudantil. Para essa incursão, no primeiro momento realizaremos uma inflexão preliminar sobre a abrangência do termo família, que impulsionaram os debates de vários autores.

Em seguida, discorreremos sobre a influência religiosa e o lugar da mulher na família, ressaltando o estilo patriarcal que predominou no nordeste do Brasil durante o período colonial.

Mais adiante discutiremos sobre a relação família e escola e como os jovens costumam encarar a educação escolar. Utilizamos para subsidiar nossa análise entre outros autores: Nascimento (2014); Roudinesco (2003); Vilhena (2005); Danda Prado (1981); Samara (1983); Bourdieu (2002), que, procuram enfatizar a relação de dominação existente não somente nas relações públicas e privadas da família como também nas relações entre a família e a escola.

### **2.1 A abrangência do termo família**

Ao refletir sobre o objeto desse trabalho (relação família-escola), não se deve esquecer-se de analisar a primeira dessas instâncias responsáveis pela formação do indivíduo. Desde que nasce o indivíduo se torna dependente do outro, e, para suprir essa necessidade o homem foi buscando mecanismos de manter a interação entre eles.

Pode-se dizer que a família é a primeira organização criada pelo homem com o objetivo de agrupar, compartilhar sentimentos, reproduzir, ensinar e aprender. Mas o que seria família? Qual seu significado? Partindo da forma gramatical, o dicionário da Língua Portuguesa nos dá várias definições para o termo, a seguir estão algumas delas:

1 grupo de pessoas aparentadas que vivem sob o mesmo teto; 2 filhos: é o único varão presente na classe, casado, pai de família; 3 grupo de ascendentes, descendentes, colaterais e afins de uma linhagem; 4 grupo de pessoas que tem o mesmo credo, as mesmas convicções ou interesse, etc. 5 grupo de elementos caracterizados por uma propriedade comum, categoria, classe; 6 divisão principal de uma ordem, constituída de um ou mais gêneros vegetais e animais; 7 pessoas ligadas pelo casamento e pela filiação ou, excepcionalmente, pela adoção (BORBA, 2004, p.595).

Nota-se que o termo família é usado para se referir não somente a agrupamentos humanos, mas também a outros seres, vivos ou não, que compõem o meio ambiente. Ao mesmo tempo em que o termo família é usado para identificar pessoas, animais, vegetais ou elementos com características comuns, serve também para classificá-los e separá-los. Poderíamos, por exemplo, fazer uma lista de animais de um zoológico pelo seu parentesco e evitar colocar um animal do grupo dos felinos no grupo das aves, ou vice-versa.

Por mais que se associe o termo família a laços de convivência e/ou união, ao longo da história foi perceptível a intenção de alguns grupos familiares tentarem manter a “pureza de sangue” evitando a união com pessoas de outras linhagens.

Na Idade Média, por exemplo, a condição social do indivíduo já estava determinada desde o nascimento com rara possibilidade de mobilidade social, ou seja, o filho do servo não poderia se tornar um senhor feudal ou vice-versa. A preocupação de realizar união conjugal dentro da mesma linhagem familiar implicava a preservação da propriedade e da posição política.

A união de duas pessoas com linhagem familiar diferente era permitido, ou melhor, incentivado, quando garantiria a conservação ou ampliação do poder econômico e político. [...] a palavra família, no Direito Romano, era indistintamente aplicada tanto às coisas, como às pessoas. O patrimônio compreendia o conjunto de coisas ou bens da família e as pessoas agregadas. Além do pai, a família era composta pelos filhos, pela mulher e os escravos (NASCIMENTO, 2014, p.03).

De acordo com alguns estudiosos no campo jurídico, o termo família origina do latim *famulus* que se referia a todo o conjunto formado por pai, mãe, filhos, escravos e bens familiares. Analisando a concepção exposta por

Nascimento (2014) pode-se afirmar que o conceito de família não se ampliou nos últimos anos porque já era amplo. O que ocorreu na verdade foram novas significações ao termo família que aboliu a visão patrimonialista, passando a associar o termo família às formas de convívio harmônico entre pessoas.

Se o matrimônio ocorria com o intuito de assegurar ou aumentar a riqueza da família, o casamento tornava-se um negócio a ser resolvido pelos pais dos cônjuges em questão e, portanto sem nenhum sentimento por parte dos “noivos”. A união conjugal ocorria porque o pai da moça, assim como o pai do rapaz, já haviam previamente decidido sobre tal união, por isso, casava-se muito jovem, principalmente quando se tratava da mulher.

Elisabeth Roudinesco (2003), em “A Família em Desordem”, afirma que o casamento arranjado vai deixar de existir a partir da formação da sociedade burguesa no final do século XVIII. Essa mudança se inicia com a Revolução Francesa quando o antigo regime começa a ruir e a burguesia se torna a classe dominante a partir de então.

Com o fim da tradição monárquica começa-se a questionar a estrutura familiar da época, valoriza as aventuras amorosas e repudia a união de homens e mulheres de gerações diferentes. O principal questionamento que começa a ser feito, em relação à estrutura familiar, e principalmente quanto à autoridade paterna.

Com a consolidação da sociedade burguesa no século XIX e a disseminação do ideal de igualdade, a mulher foi ganhando mais autonomia de decidir sobre a união conjugal e da procriação. A autoridade paterna foi sendo rompida e dividida, já que o pai se preocupava com as instituições estatais e a sociedade civil e não havia tempo para manter a dependência ilimitada da mulher e dos filhos.

O pai passa ser visto como alguém que também fraqueja e comete erros, estando, portanto sujeito a sofrer punição. Assim, o caminho para emancipação das esposas e dos filhos foi-se abrindo. Nesse sentido passa-se a valorizar as relações amorosas dentro do casamento em detrimento da extraconjugal.

A valorização do casamento por amor se traduziu na elaboração de uma moral civilizada, bem mais acentuada nos países puritanos e protestantes do que nos países católicos. Fundada na monopolização do afeto pela instituição matrimonial, essa moral exigia que o amor e a paixão, outrora reservados aos amantes, fossem doravante assumidos pelos esposos. Ela serve então para condenar radicalmente todas as práticas ditas de “formicação” - masturbação, sodomia, felação etc. -, assim como todas as relações carnis exteriores à conjugalidade. (ROUDINESCO, 2003, p 96-97).

Ainda sobre a concepção de família, Junia de Vilhena (2005), diz que:

A família pode ser pensada sob diferentes aspectos: como unidade doméstica, assegurando as condições materiais necessárias à sobrevivência, como instituição, referência e local de segurança, como formador, divulgador e contestador de um vasto conjunto de valores, imagens e representações, como um conjunto de laços de parentesco, como um grupo de afinidade, com variados graus de convivência e proximidade... e de tantas outras formas (VILHENA, 2005, p. 02).

Dentre os vários sentidos que a autora atribui à palavra família, optou-se por começar a falar da família enquanto Instituição Social. Entende-se que a família enquanto Instituição Social é compreendida como um “conjunto de valores, crenças, normas, posições e papéis referentes a campos específicos de atividade e de necessidades humanas” (VILA NOVA, 2000, p.162).

A família é uma instituição que tem passado por transformações ao longo da história adaptando a novos contextos e criando novas finalidades, portanto não é um simples fenômeno natural. “A família, apesar de todos os seus momentos de crise e evolução, manifestam até hoje uma grande capacidade de sobrevivência e também, por que não dizê-lo, de adaptação, uma vez que ela subsiste sob múltiplas formas.” (DANDA PRADO, 1981, p 08).

Sabe-se que não é somente a família que possui as características citadas acima, já que existem outros exemplos de Instituição Social (a escola, a igreja e outras) que tem como objetivo estabelecer o modo socialmente aceito de satisfazer determinadas necessidades e realizar certas atividades.

## 2.2 A influência religiosa e o lugar da Mulher na família

A preocupação deste trabalho é de ater sobre a concepção de família nuclear, do grupo que habitam o mesmo lar. Essa tem sido a visão mais comum quando se trata desse assunto, um grupo composto por pai, mãe e filhos, todos com papéis sociais bem definidos. Esses papéis não são definidos pela família em si, mas pela sociedade em que a família está inserida. São escolas, meios de comunicação, igrejas, profissionais de saúde que criam determinações de como as crianças devem agir com os pais e vice-versa.

Nesse contexto, as formas de convívio estabeleceu-se uma relação vertical com base na tradição judaico-cristã em que um dos cônjuges (nesse caso o homem) passou a ser a única referência dentro do grupo familiar. A história da cultura ocidental tem mostrado que por muitos anos houve uma valorização da figura paterna a ponto de entender a mãe apenas como ser que “carrega o sêmen” do marido.

“O sêmen do homem é soberano, pois contém o “princípio da forma”, ao passo que o da mulher não, uma vez que ela é apenas a “matéria que recebe a forma”. (ARISTOTELES apud ROUDINESCO, 2003, p 116). Dividir ou transferir as decisões sobre os filhos e sobre o lar para a mulher tornava-se algo negativo, pecaminoso.

Roudinesco (2003) discute a ordem familiar associando à monarquia absolutista do Estado Moderno. Segundo a autora, a tradição monárquica alimentou e manteve intacta a estrutura patriarcal na Europa:

E mesmo no século XVI, quando o absolutismo real europeu se desligará do cosmo divino, no momento das guerras de religião, os artesãos da nova soberania monárquica verão o corpo da mulher como lugar de todos os perigos. Assim, Jean Bodin, teórico do fundamento profano da realeza, classifica o masculino ao lado da razão e o feminino ao lado do apetite passional, afim de melhor demonstrar o perigo existente no caso de as mulheres se libertarem de sua sujeição à ordem marital. (ROUDINESCO, 2003, p 27)

A influência da tradição cristã contribuiu significativamente para tornar naturalizada a classificação do homem “ao lado da razão” e da mulher ao lado

de “todos os perigos”. Ao analisar essa relação naturalizada da sociedade moderna na Europa, Roudinesco (2003) parafraseia Bourdieu quando afirma:

A ordem da procriação deve respeitar a ordem do mundo. Penetrada pelo homem deitado sobre ela, a mulher ocupa seu verdadeiro lugar. Porém, se a posição se inverter, a ordem do mundo se verá pervertida. Apenas a imagem do homem cavalgando a mulher e penetrando sua carne é reputada conforme à norma. (ROUDINESCO, 2003, p 24).

Observa-se que o “verdadeiro lugar” da mulher, o lugar da submissão, não se restringia somente à esfera pública, mas abrangia a sua vida privada e até mesmo na intimidade conjugal. Pelo menos é o que se esperava que acontecesse na relação familiar, pois se houvesse iniciativa da esposa no ato sexual isso tornava algo pecaminoso porque ela passava à condição de dominadora e “enfeitiçadora”, algo que só era permitido nas relações secretas e extraconjugais.

A procriação e a educação dos filhos era decidida pelo homem. A mulher não exercia nenhum papel na reprodução, era vista apenas como um “recipiente” que recebia o sêmen do marido e, depois de algum tempo, devolvia ao mundo. “A vontade da família era a vontade do homem, que se transformava na vontade da entidade familiar.” (NASCIMENTO, 2014, p. 05).

Quando se percebe que a mulher possui papel ativo na geração dos filhos e que parte da herança genética é transmitida por ela, a mesma começa a adquirir o poder de decidir sobre a procriação. Passa-se adotar então nova concepção sobre o papel da mulher: esta nasceu pra ser mãe. O sexo como fonte de prazer ainda é totalmente inaceitável para a esposa porque poderia gerar uma “desordem social” colocando em pé de igualdade com o marido.

[...] ao se outorgar à mãe e à maternidade um lugar considerável, proporciona-se meios de controlar aquilo que, no imaginário da sociedade, corre o risco de desembocar em uma perigosa irrupção tanto mais selvagem ou devastadora, na medida em que não estaria mais colada à função materna. A mulher deve acima de tudo ser mãe, a fim de que o corpo social esteja em condições de resistir à tirania de um gozo feminino capaz, pensa-se, de eliminar a diferença dos sexos. (ROUDINESCO, 2003, p 38)

Ao dizer anteriormente que a família foi o primeiro mecanismo de integração social, deve-se considerar a convivência em pares. Essa união



natural que passa a existir desde a pré-história talvez seja movida mais pela atração física sem atribuir um significado moral nessa relação. Mesmo quando passa a haver uma regulação da relação familiar, a moral estabelecida é bem relativa, priorizando apenas a liderança da família.

Na Idade Antiga, o Código de Hamurabi regulava o sistema familiar, sob a lei patriarcal, exigindo a monogamia, embora admitisse o concubinato mesmo que os direitos da concubina não fossem os mesmos da esposa. O casamento legítimo somente era válido, se realizado por um contrato. Admitia o divórcio, pois ao marido era permitido repudiar a mulher nos casos do não cumprimento de seus deveres de esposa e dona-de-casa (NASCIMENTO, 2014, p.05).

Não somente o Código de Hamurabi, mas os diversos códigos civis elaborados ao longo da história possuem uma tradição patriarcal. Não faltou reforço também da tradição religiosa, especialmente com o surgimento das religiões monoteístas, sendo o judaísmo a primeira delas. As leis do Estado e os dogmas religiosos tinham posição semelhante quanto à concepção de família, talvez porque assuntos políticos e da Igreja se misturavam.

Segundo Roudinesco (2003), no direito romano a paternidade passava a ser reconhecida prioritariamente por conta da educação oferecida à criança, ou seja, tornar-se pai era, antes de tudo, adotar e cuidar do que necessariamente gerar um filho, pois levava-se em conta a herança cultural que a criança recebia do pai.

Como “senhor de sua casa” o pai podia instruir qualquer criança se quisesse legitimar, lhe dar tudo, ou deserdar os filhos mesmo sendo legítimos. “Toda criança não reconhecida como seu filho por um homem, mesmo no caso de ter nascido de sua esposa legítima e de seus atos, não tem pai.” (JACQUES MULLIEZ apud ROUDINESCO, 2003, p 21).

Partindo desse princípio do direito romano pode-se dizer que o casamento não possuía tanta importância, enquanto pacto para formação de uma família, já que se tornar pai não implicava necessariamente possuir um filho legítimo. Para evitar que o matrimônio perdesse seu valor moral, a doutrina cristã se encarrega de manter e legitimar toda relação conjugal formada a partir do casamento. Nesse sentido Roudinesco (2003) salienta que:

Sem abolir a paternidade adotiva, o cristianismo impõe o primado de uma paternidade biológica à qual deve obrigatoriamente corresponder uma função simbólica... Só é declarado pai aquele que se submete à legitimidade sagrada do casamento, sem o qual nenhuma família se integra. Por conseguinte, o pai é aquele que toma posse do filho, primeiro porque seu sêmen marca o corpo deste, depois porque lhe dá o nome. (ROUDINESCO, 2003, p 22)

Destarte, percebe-se uma preocupação da igreja em estabelecer certa ordem familiar através do casamento como um acordo sagrado. O sangue e o nome passam a ser os elementos essenciais na definição dos laços familiares, especialmente dos filhos. E, ao exigir que o pai deve estar submetido “à legitimidade sagrada do casamento” privilegia-se as famílias tradicionais composta por pai, mãe e filhos, em detrimento dos outros arranjos familiares, mais especificamente, a família composta de mãe e filhos.

Se a preocupação com a ordem moral não abrangia todas as famílias (somente aquelas formadas pelo casamento), nem tampouco todos os membros de uma relação familiar. Como explica Roudinesco, o adultério se tornaria um problema grave dependendo de qual dos cônjuges a cometia:

[...] a eventual infidelidade do marido não tem efeito na descendência, uma vez que seus “bastardos” são concebidos fora do casamento e, portanto fora da família. Em contrapartida, a infidelidade da mulher é literalmente impensável, uma vez que atingiria o próprio princípio da filiação pela introdução secreta, na descendência dos esposos, de um sêmen estranho ao seu – e, portanto ao “sangue” da família. (ROUDINESCO, 2003, p 22)

A submissão da mulher numa condição inferior existia tanto nas sociedades ocidentais como no mundo oriental. Um código civil implantado na Índia antiga, conhecido como Código de Manu, reforçava a tradição da sociedade indiana de considerar a mulher incapaz de reger sozinha. De acordo a legislação, era permitido divórcio mas, “a separação só poderia ocorrer caso a deficiência fosse da esposa. A lei exigia a fidelidade no casamento; em caso de adultério, aplicava-se a pena de morte.” (NASCIMENTO, 2014, p. 06).

Assim como o Código de Manu determinava que o casamento só podia ser desfeito se o motivo da separação estivesse na mulher, a lei romana estabelecia o casamento como um contrato monogâmico (que mais tarde deixa

de ser contrato e passa ser sacramento), cuja finalidade principal da família constituída era de gerar filhos.

Sendo contrato ou sacramento, prevalecia a autoridade do marido no seio familiar. De acordo a legislação da Roma Antiga, “o casamento era um ato consensual de contínua convivência, portanto, um estado de fato e não um estado de direito, pois manter o casamento dependia do marido.” (NASCIMENTO, 2014, p. 06).

Se a mulher não possuía nenhum poder de manifestação dentro do seio familiar, tanto em relação à educação dos filhos quanto sobre a relação conjugal, condição parecida ou talvez ainda mais intensa era imposta às crianças. As mesmas eram tratadas como seres incapazes de tomar decisões sozinhas e, ao mesmo tempo, como pessoas amadurecidas capazes de responder pelos seus atos.

Essa ideia é debatida por Philippe Ariès (2012) quando afirmava que a noção moderna de infância se consolida a partir do século XVI. ARIÈS, em *História Social da Criança e da Família*, procura interpretar a configuração da sociedade moderna, em especial o papel da criança no seio familiar. Segundo ele durante o período da Idade Média a criança era vista como um adulto em miniatura e, deveria estar apta para exercer diversas atividades laborais. Somente a partir do final do século XIX é que ocorre “uma tendência a separar o mundo das crianças do mundo dos adultos.” ARIÈS (2012, p. 21).

Na mesma linha de raciocínio Roudinesco (2003) também analisa como o tratamento dado aos filhos foi sendo adaptado ao longo do tempo. Segundo a autora, assim como a mulher foi galgando espaço na relação familiar, os filhos também passaram a ser reconhecido enquanto criança. “Revestido de um novo poder genealógico, o filho passou a ser visto, no seio da família burguesa, como um investimento na transmissão do patrimônio e como um ser desejado e não mais um acidente de percurso”. (ROUDINESCO, 2003, p. 100).

Na Idade Antiga e Idade Média, se o nascimento de uma criança fosse algo indesejado, o sacrifício ou abandono era uma forma prática de evitar tal incômodo, ao mesmo tempo em que ocorria o controle da fecundidade. Quando a mulher passa a decidir sobre o próprio corpo, passou-se também a

decidir sobre a procriação. Aí a prática do aborto se tornou uma medida recorrente nos casos de uma gravidez indesejada.

Mas é importante destacar a presença do amor de pai e de mãe, pelo filho, com o surgimento da sociedade burguesa. O filho passou a ser algo esperado e desejado por toda a família, os métodos contraceptivos permitiu que a gravidez só ocorresse no momento planejado e, através da ciência foi possível decifrar o desenvolvimento psíquico e motor da criança e do adolescente. Assim “as mães foram estimuladas a amamentar seus filhos (...); da mesma forma, renunciou-se progressivamente ao costume do enfaixamento, que encerrava o bebê em seus excrementos e lhe impedia qualquer liberdade de movimento.” (ROUDINESCO, 2003, p 100).

A família passa ser uma Instituição Social não somente porque atende às necessidades humanas, mas também porque colabora com o Estado na criação e manutenção de um modelo de sociedade.

O Estado diz às famílias: mantende vossa gente nas regras da obediência às nossas exigências, com o que, podereis fazer deles o uso que vos convier e, se eles transgredirem vossas injunções, nós vos forneceremos o apoio necessário para chamá-los à ordem (DONZELOT *apud* DAL'IGNA, 2011, p. 96).

Tornar a família um agrupamento regulado a partir do casamento passa ser uma iniciativa do Estado, aliado a tradição religiosa mais especificamente a tradição cristã, como forma de evitar a poligamia, o incesto, o abandono, enfim a família passa ser um mecanismo de manter uma ordem social típica da cultura ocidental. “É através da família – menor célula organizada da sociedade – que o Estado pode exercer um controle sobre os indivíduos, impondo-lhe diferentes responsabilidades conforme cada momento histórico.” (DANDA PRADO, 1981, p 23).

Não somente o Estado e a Igreja vão estabelecer normas e conselhos a ser seguidos pela família. Com o desenvolvimento da ciência, diversas áreas do conhecimento, especialmente aquelas voltadas para o campo educacional e da saúde, passaram a estudar a estrutura familiar no sentido de contribuir com o Estado e com a manutenção do controle social. “Com a ajuda da psicanálise, da psiquiatria, da pedagogia e da psicologia, a família tornou-se então objeto

de uma política de controle, centrada na prevenção das anomalias sociais e psíquicas: psicoses, obstáculos, delinquência, desvios sexuais etc...” (ROUDINESCO, 2003, p. 102).

Contrariando a ideia anterior, Eni de Mesquita Samara (1983), em “A Família Brasileira”, argumenta que “a Igreja, o Estado e as instituições econômicas e sociais eram afetados e até muitas vezes controlados pela influência e preponderância de certas famílias ao nível local.” (SAMARA, 1983, p.12).

A referida obra de Samara (1983) é um estudo sobre os arranjos familiares no Brasil, e, quando ela sugere que havia o controle de algumas famílias sobre o Estado e a Igreja está se referindo provavelmente àquelas famílias em que o chefe possuía título de coronel, fenômeno muito comum no norte e nordeste do Brasil.

O coronel além de ser um patriarca que exercia o poder sobre toda família, tanto nuclear como aos parentes próximos, mantinha certo controle e influência em todas as instituições a nível municipal. Percebe-se então que independentemente de haver influência de uma instituição sobre a outra (do Estado sobre a família ou vice-versa), isso não se dá de forma universal.

### **2.3 Modelo de família patriarcal: família brasileira**

Durante muito tempo existiu no Brasil o modelo de família patriarcal. Nesse tipo de organização familiar o homem era visto como autoridade maior a quem todos os demais membros (mulher, filhos, genros, noras, afilhados e quem mais residisse naquela casa) deviam obediência. A influência do patriarca se estendia para além da família. A casa grande representava o símbolo de poder político e econômico do Senhor de engenho, sua residência consistia num casarão com vários cômodos capazes de abrigar inúmeras pessoas.

A dominação masculina presente no ambiente doméstico se estendia a outras esferas da sociedade como na escola, na igreja e no Estado. Essas

últimas instituições reproduziam e reforçavam a ideia de que ao homem cabia o papel de provedor da casa e à mulher a obediência e o cuidado com os filhos.

Devido à capacidade de domínio que o modelo patriarcal abrangia (além da família nuclear, os membros periféricos como agregados, filhos ilegítimos ou de criação, afilhados, amigos, serviçais, escravos), esse tinha uma organização bastante complexa.

A base social do Brasil no período colonial era constituída pelos senhores e pelos escravos, estes últimos eram usados como mercadoria e não possuía direito de constituir família. Nas palavras de VILHENA, (2005):

Conforme pudemos observar, nas retrospectivas traçadas acerca da história da família brasileira desde o período colonial, fala-se pouco das famílias pobres(...). Podemos creditar tal fato a diferentes motivos ou a uma combinação entre eles. Em primeiro lugar, a família patriarcal, de certa forma, já incluía em sua estrutura grupos pobres que participavam de sua manutenção. Tais grupos, contudo, não eram tidos como famílias independentes, dedicando-se a servir ao grupo dominante. Desta forma, os grupos dominados estavam sempre “integrados” periféricamente na conservação do grupo legitimado como familiar (VILHENA,2005,p. 03).

Por conta da grande quantidade de filhos, o modelo patriarcal se caracterizava por ser uma família extensa. Havia uma associação da família com a produção e o consumo, pois os bens materiais necessários à sobrevivência (alimentos, calçados, vestuário, etc.) deveriam ser produzidos por ela própria. O tamanho ideal da família patriarcal era grande por precisar de braços na execução dos trabalhos agrícolas.

Se considerarmos que família e propriedade privada no Brasil estão intrinsecamente ligados, principalmente a partir do século XIX, pode-se supor que a família pobre e sem bens causasse certo “estranhamento” aos que compartilhavam destes valores vistos como naturais. Os relatos de observadores (brancos) mostram as famílias pobres e negras como sendo “desestruturadas” ou “promíscuas”, vistas sob a ótica etnocêntrica e eivada de preconceitos (VILHENA,2005, p. 04).

O patriarcalismo não foi uma regra geral na colônia, para Boris Fausto (2006, p.73), “entre a gente de condição social inferior a família extensiva não existiu, e as mulheres tenderam a ter maior independência, quando não tinham marido ou companheiro” Essa concepção de família predominante no Brasil

colonial, facilmente encontrada na literatura, era mais comum no nordeste do Brasil e reverencia o modelo elitista da época.

As palavras de Samara (1983) também confirmam e/ou complementam o parágrafo anterior quando ela diz que:

[...] a mobilidade espacial da população alterava frequentemente a composição das famílias. Maridos se ausentavam por motivos econômicos, filhos casados passavam a ter sua própria residência e mesmo filhos menores saíam de casa para aprender um ofício. Por isso, talvez, seja impossível caracterizar a família paulista como uma família extensa do tipo patriarcal, já que a trama de relações não se definia dentro da mesma estabilidade que devia ocorrer nas propriedades de lavoura canavieira do Nordeste. (SAMARA, 1983, p. 29).

Nota-se, portanto, que a maior parte da população brasileira não estava inserida dentro do modelo familiar que se apresenta como predominante na história do Brasil colonial. Além dos negros escravizados (já viviam à mercê da vontade de seus senhores), havia as populações indígenas com sua forma típica de organização social e os(as) mestiços(as) e brancos(as) pobres que não faziam parte do modelo familiar considerado legítimo.

Não era raro encontrar exemplos de família monoparental, essa denominação é para os casos em que um dos genitores se encarrega sozinho(a) de cuidar dos filhos. Isso acontece quando ocorre a morte de um dos cônjuges, quando um deles abandona o lar ou quando o pai não reconhece a paternidade da criança. Devido à tradição machista da sociedade brasileira e a posição da mulher na procriação, é mais comum encontrar uma família monoparental formada por mãe e filhos (mães solteiras, mães viúvas, prostitutas, mães abandonadas).

Como foi dito anteriormente, os escravos, na condição de mercadoria, provavelmente não poderia constituir família legitimada pelo Estado e pela Igreja, mas a procriação acontecia com o intuito de aumentar ou manter os braços para a lavoura. Nesse sentido poderia haver entre os escravizados o sentimento de pertencimento quando de uma relação carnal brotava um novo descendente.

Assim como Boris Fausto (2006) e Samara (1983), outros autores também examinam os padrões da família brasileira e destacam que a família patriarcal, também chamada de tradicional, só existia em uma classe social específica, nesse caso, a elite colonial e, mesmo assim, não era uma regra geral. Danda Prado(1988) ao discutir sobre o modelo patriarcalista afirma que:

O mito da “grande família unida e de sólidos princípios”, de antigamente, é, como na maioria dos estereótipos, fruto de valores idealistas. Quando nos aprofundamos no conhecimento da História social do país, verificamos que houve um número mínimo desses exemplos de família “tradicional”. Poucas são as famílias que se mantiveram reunidas por muitas gerações ou englobando um parentesco extenso de múltiplos graus. A maioria das casas era pequena. (DANDA PRADO, 1988, p. 75).

A forma como a literatura descreve a família patriarcal no Brasil (citando, como exemplo, a obra “Casa Grande e Senzala” de Gilberto Freyre), deixou a entender que esse modelo estava presente em toda sociedade brasileira. Assim como afirmou Eni de M. Samara (1983), o conceito de “família brasileira que passou a ser sinônimo de patriarcal, e mesmo o de família patriarcal, que passou a ser usado como sinônimo de família extensa”. (p.12).

Mesmo tendo perdido importância ao longo do tempo, o modelo de família patriarcal deixou como herança uma sociedade androcêntrica. Por mais que a mulher tenha conquistado espaço considerável no que se refere a direitos políticos, civis e sociais, ainda existe uma tendência no Brasil de colocar o homem acima da mulher em diversas situações. Isso é bem visível, por exemplo, no mercado de trabalho. Mesmo tendo maior escolaridade em relação aos homens<sup>1</sup>, a renda média das mulheres ainda é menor no exercício da mesma atividade.

---

<sup>1</sup>Mesmo ampliando a participação em ocupações tradicionalmente masculinas, quando se compara os rendimentos-hora trabalho e a escolaridade, os progressos para as mulheres brasileiras são mais lentos do que os desejados. Ainda persiste uma extrema desigualdade. A manutenção dessas desigualdades confirma as dificuldades que as mulheres enfrentam para ascender a postos de trabalho mais valorizados socialmente e melhor remunerados nas estruturas organizacionais... Os rendimentos, medidos pelo valor do rendimento-hora, do total das mulheres ocupadas em qualquer posição na ocupação, em 2004, correspondiam a 82,7% do rendimento dos homens. Aumentaram para 85,0% em 2014. Independentemente da jornada e do nível de escolaridade os salários das mulheres são inferiores aos masculinos e sinalizam com a complexidade do problema. (<http://www.onumulheres.org.br>).



Se levarmos em consideração que as profissões mais desvalorizadas são reservadas às mulheres, o rendimento médio se torna mais baixo ainda. Para Pierre Bourdieu (2002) a manifestação da superioridade masculina não acontece apenas no ambiente de trabalho.

A visão androcêntrica é assim continuamente legitimada pelas próprias práticas que ela determina: pelo fato de suas disposições resultarem da incorporação do preconceito desfavorável contra o feminino, instituído na ordem das coisas, as mulheres não podem senão confirmar seguidamente tal preconceito. (...) as mesmas disposições que levam os homens e deixam às mulheres as tarefas inferiores e as providências ingratas e mesquinhas (tais como, em nosso universo, pedir preços, verificar faturas e solicita um desconto), desembaraçando-se de todas as condutas pouco compatíveis com a ideia que eles têm de sua dignidade, levam-nos igualmente a reprovar a “estreiteza de espírito” delas, ou sua “mesquinha terra-a-terra”, ou até a culpá-las se elas fracassam nos empreendimentos que deixaram a seu cargo – sem, no entanto, chegar a lhes dar crédito no caso de um sucesso eventual (BOURDIEU, 2002, p. 22).

Entende-se por androcentrismo a tendência em colocar a figura masculina numa condição de superioridade em relação ao sexo feminino. As atitudes da sociedade, tanto do homem quanto da mulher, tem levado à naturalização da dicotomia entre “o de cima e o de baixo” na relação de gênero, sendo a mulher taxada de inferior em vários aspectos de sua vida. A postura androcêntrica da sociedade se estendia/estende desde as relações ditas sociais (trabalho, política, igreja) até as relações privadas (a família), nesse último caso o pai “todo poderoso” mantinha/mantém seu poder inquestionável.

Reforçando a situação do mercado de trabalho, existe uma desigualdade entre os dois gêneros não somente no que se refere ao rendimento, mas uma tendência de depreciar as atividades realizadas pelas mulheres. Os estudos de Bourdieu (2002) sobre a comunidade Cabila, no norte da África, mostra o quanto o trabalho feminino é desvalorizado.

[...] as mesmas tarefas podem ser nobres e difíceis quando são realizadas por homens, ou insignificantes e imperceptíveis, fáceis e fúteis, quando são realizadas por mulheres, como nos faz lembrar a diferença entre um cozinheiro e uma cozinheira, entre o costureiro e a costureira; basta que os homens assumam tarefas reputadas e femininas e as realizem fora da esfera privada pra que elas se vejam com isso enobrecidas e transfiguradas [...] (BOURDIEU, 2002, p. 37).

Bourdieu (2002) acrescenta ainda que, tornar uma profissão qualificada não depende da atividade em si, mas de quem a executa. Nesse caso, ao debater a desigualdade de gênero percebe-se uma tendência na valorização do trabalho masculino em relação ao feminino.

[...] Se a estatística estabelece que as profissões ditas qualificadas caibam, sobretudo, aos homens, ao passo que os trabalhos atribuídos às mulheres sejam “sem qualificação”, é, em parte, porque toda profissão, seja ela qual for, vê-se de certo modo qualificada pelo fato de ser realizada por homens (que, sob este ponto de vista, são todas, por definição, de qualidade) (BOURDIEU, 2002, p. 37-38).

Mesmo se tratando de um estudo em uma sociedade específica, essa é a realidade também em diversos países do mundo. No Brasil, por exemplo, ainda existe o reflexo de uma sociedade androcêntrica. São frases e pensamentos do dia a dia reproduzidos pelo senso comum de forma bem natural.

Por mais que se diga ‘a mulher conquistou espaço no mercado de trabalho’, ainda percebemos a tentativa de desprezar determinada atividade ou o resultado de um trabalho se este não foi realizado por um homem. Isso é bem visível quando envolve profissões tidas, em nossa sociedade, como masculinas.

Não é exagero dizer que até mesmo as mulheres concordam não possuírem habilidade física e mental para exercer determinadas atividades laborais. Profissões como segurança, mecânico e pedreiro, por exemplo, são associadas à força física e, portanto, incompatível com a ‘sensibilidade’ feminina. Essa concepção naturalizada da mulher como ‘sexo frágil’ reforça o conceito de violência simbólica criado por Bourdieu (2002).

A violência simbólica ocorre quando as mulheres ficam submissas a tal ponto que passam a acreditar que essa relação de submissão não pode ser mudada. As mulheres enquanto submissas “concordam em geral com os homens(...) na aceitação dos signos exteriores de uma posição dominada” (BOURDIEU, 2002, p. 23). Essa naturalização leva a consequências mais profundas e graves como a violência física e psicológica.

## 2.4 Conceito de família na atualidade

Atualmente, o conceito de família enquanto grupo nuclear, tem se tornado mais amplo, pois existe um novo entendimento de que esta deve abranger diferentes agrupamentos que mantêm uma convivência diária dentro da mesma casa. Desse modo, é possível encontrar famílias formadas pelo casal e seus filhos ou somente pela mãe e seus filhos ou somente pelo pai e seus filhos ou somente por filhos, casal sem filhos e, ou ainda, por duas pessoas do mesmo sexo e seus filhos, na maioria das vezes, adotivos.

A união homoafetiva e o direito de adotar crianças tem sido um dos temas muito debatido ultimamente, o que tem gerado pontos de vista divergentes. Entre aqueles contrários ao direito dos homossexuais legalizarem o casamento, assim como terem o direito de constituir uma família com filhos adotivos, estão as pessoas que utilizam a tradição religiosa como base para seus argumentos.

Seguindo o fundamento bíblico, várias igrejas ou talvez, todas elas, utilizam como principal fundamento o fato de Deus ter deixado no mundo um casal formado por pessoas do sexo oposto. Associado ao princípio religioso existe ainda uma visão negativa da sociedade em relação aos homossexuais pautada por critérios morais. Essa visão se baseia no fato de que uma relação sexual entre dois homens, por exemplo, é um caso de indecência e impureza, como também, é vergonhoso para a família ou pessoas próximas.

A abordagem de princípios religiosos e princípios morais envolvendo a concepção do homossexualismo, não quer dizer que um esteja separado do outro, mas mostra que a crítica à relação homossexual é feita por pessoas religiosas e não religiosas.

Do outro lado, entre os que defendem o casamento homoafetivo, estão os próprios homossexuais e aqueles que se colocam como defensores das liberdades individuais. Entre as justificativas que fundamentam a defesa destes, está o fato de todo indivíduo, independente da sua opção sexual, terem seus direitos de cidadania garantidos. Assim, utilizam como base de seus

argumentos, a Constituição Federal de 1988, documento que rege a vida de todo cidadão brasileiro.

No que se refere à condição de um casal homossexual possuir filhos adotivos, os seus defensores desse direito argumentam que a preocupação não deve ser sobre quem irá cuidar da criança, mas o que irá ensinar para ela. Desse modo, os defensores ressaltam que o carinho, a proteção e a educação de dois homens ou duas mulheres dará toda condição necessária para o desenvolvimento de uma criança, o que seria totalmente imprevisível quando a criança não tem um lar ou sofre e presencia todo tipo de violência doméstica.

## **2.5 Relação família-escola**

Existe um consenso entre diversos educadores de que um ambiente familiar estruturado a partir da convivência harmoniosa entre pai, mãe e filhos contribui para o bom desempenho escolar do aluno. Quando a relação familiar acontece de modo conflituoso, isso é refletido dentro do ambiente escolar, causando dificuldade de concentração, agressividade, baixa frequência etc.

Freitas (2009), no capítulo “A Instituição do Fracasso”, descreve um contexto familiar fragilizado vivido pelo personagem Juninho, gerando como consequência a dificuldade de aprendizagem:

A vida familiar desorganizada definiu muito do que veio a ser a história de Juninho. Sem a confiança no afeto dos pais, ele não pôde adquirir confiança em si mesmo. Sem um ritmo regular de vida doméstica, sem um ambiente seguro e protegido, não poderia haver uma rotina para as lições de casa ou para a dedicação a qualquer outra atividade “espiritual” (...) Sua família nunca foi um lugar de cuidado e proteção, ao contrário, era fonte de medo e insegurança, pois as pessoas mais importantes em sua vida o agrediam constantemente, seja através das pancadas físicas, seja através do descaso e do abandono. (FREITAS, 2009, p. 289).

A família é o principal componente do contexto histórico social do aluno, mas sabe-se que a rua, o bairro, a comunidade do entorno à sua casa também contribuem para formação desse contexto. O jeito de se expressar, a linguagem usada, as características socioeconômicas dos moradores cria um

perfil de indivíduo que pode se adequar ou não ao modelo de educação escolar ministrado no Brasil.

Se determinado aluno não consegue desenvolver habilidades básicas na sala de aula (leitura, escrita, interpretação), tem baixa frequência e é reprovado por diversas vezes, passa-se uma ideia naturalizada de que esse aluno tem dificuldade de aprendizagem.

Tem sido uma prática costumeira de identificar a causa do baixo rendimento escolar no aluno. Isso acontece tanto no ambiente escolar como fora dele, ou seja, assim como professores, direção e coordenação pedagógica tira a responsabilidade da escola pelo fracasso dos estudantes, os pais também não conseguem enxergar outro motivo que não esteja no próprio aluno.

Freitas (2009) vai mais longe ao dizer que:

“[...] antes de enxergarem as causas que determinam as dificuldades dos alunos, os profissionais da instituição escolar só veem os efeitos dessas dificuldades, tais como desatenção, desobediência, ausências, indisciplina, desinteresse e agressividade” (FREITAS, 2009, p. 291).

A autora ainda acrescenta que essa atitude acontece por conta do que ela chama de má-fé institucional. A escola existe para castigar e punir aqueles que não se adequaram às normas da Instituição, aqueles considerados “maus” alunos. A avaliação é usada como instrumento para classificar os estudantes que demonstraram um bom desempenho escolar e separar aqueles que não se ajustaram à meta estabelecida pela escola.

Assim como Freitas (2009), Paro (2000) em “*Qualidade do Ensino: a contribuição dos pais*” procura argumentar que a Instituição escolar é a principal responsável pelo fracasso do aluno. É comum ouvirmos professores se queixarem da falta de interesse dessa ou daquela turma, desse ou daquele aluno, desinteresse esse que acaba por levar o aluno à reprovação.

Segundo Paro (2000), esse tipo de postura deve ser combatido no ambiente escolar porque se o aluno está desmotivado a continuar estudando é papel da escola, criar um ambiente propício de aprendizagem. Não se justifica querer encontrar o motivo do fracasso do aluno nele mesmo, a reprovação

demonstra que a escola não cumpriu com sua principal função que é de garantir o ensino e a aprendizagem. “Se os alunos não aprendem, a escola não foi produtiva. Dizer que a escola foi produtiva porque deu boa aula, mas o aluno não aprendeu, é o mesmo que dizer que a cirurgia foi um sucesso, mas o paciente morreu” (PARO, 2000, p 14).

Mais preocupante ainda é a tendência naturalizada de atribuir o motivo do fracasso ao aluno. Não somente o professor, o coordenador pedagógico e a direção escolar costuma livrar a escola de qualquer responsabilidade sobre a reprovação de determinado aluno, mas o próprio aluno e/ou a família se colocam como culpados.

O aluno passa a se reconhecer um fracassado porque não se esforçou da forma que deveria, enquanto o corpo pedagógico da escola, visto como alguém com conhecimento técnico fizeram o que deveria ser feito.

“É impressionante como a autoridade pedagógica da escola consegue se impor, não deixando ao aluno sequer a perspectiva de se perguntar se acaso não é diferente do que sempre lhe foi passado, de que ele ou ela é o culpado único por seu fracasso”. (PARO, 2000, p 90).

É no seio familiar que o indivíduo adquire a primeira etapa de sua formação enquanto ser humano. Quando atinge a idade escolar ele já tem noções de higiene, de como se alimentar, de se relacionar com outras pessoas, enfim, a família é a base educacional de qualquer pessoa.

“É na família ainda que a criança recebe orientação e estímulo para ocupar um determinado lugar na sociedade adulta, em função de seu sexo, sua raça, suas crenças religiosas, seu status econômico e social”. (DANDA PRADO, 1981, p 40).

A legislação brasileira reconhece o papel da família na formação educacional, tanto que já aparece no primeiro artigo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB/1996 que

“A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.” (LDB, 1996, art. 1º).

Nota-se que a escola seria apenas um entre os diversos locais onde o indivíduo pode adquirir algum tipo de conhecimento, pois segundo a LDB a educação não é apenas uma formação técnica ou conhecimento especializado para exercer determinada função, mas toda experiência que dê ao sujeito capacidade de viver bem entre as pessoas.

Nesse sentido, a educação adquirida na família, por exemplo, poderá contribuir para a relação social do indivíduo em diversas esferas sociais. Em outras palavras, se a educação está presente em diversos segmentos da sociedade, existe então uma relação de interdependência, de reciprocidade.

Em se tratando da educação escolar, vários autores entendem a família como principal parceira desse processo. Isso porque quando um aluno ingressa numa escola é porque o pai, a mãe ou um responsável fez a matrícula dele e, portanto, responde por qualquer eventualidade que a escola necessitar comunicar a um deles. A família passa ser a primeira interessada no sucesso escolar do aluno. Para que esse sucesso ocorra deve haver uma forte sintonia entre a família e a escola.

(...) a escola que toma como objeto de preocupação levar o aluno a querer aprender precisa ter presente a continuidade entre educação familiar e a escolar, buscando formas de conseguir adesão da família para sua tarefa de desenvolver nos educandos atitudes positivas e duradouras com relação ao aprender e ao estudar. Grande parte do trabalho do professor seria facilitado se o estudante já viesse para a escola predisposto para o estudo e se, em casa, ele tivesse quem, convencido da importância da escolaridade, o estimulasse a esforçar-se ao máximo para aprender. (PARO, 2000, p 16).

Outro ponto debatido por Paro (2000), em relação à educação, é o incentivo dos pais em casa para que o aluno se esforce na escola. Em seus trabalhos de pesquisa identificou que existe sim a preocupação dos pais com a formação escolar do filho. Os pais sabem que é de grande importância que o filho adquira uma boa formação escolar, porém nem sempre conseguem acompanhar as atividades em casa ou visitar a escola para saber da situação do filho.

Quando se pergunta aos pais a respeito da continuidade, na escola, da educação dada em casa, as respostas são sempre positivas, enfatizando, inclusive, a escola como a segunda família e a professora

como segunda mãe. Todavia, quando nossa atenção se volta para as formas como os pais reagem à realidade da escola, podemos ter conclusão bastante diversa. Embora na escola analisada no estudo de campo se adote uma política de aproximação dos pais aos assuntos da escola, isso não é o que acontece com a generalidade das escolas públicas, em que os usuários são mantidos à distância e sentem medo até mesmo do atendimento que lhes pode ser dedicado quando procuram a secretaria da escola com alguma solicitação. (PARO, 2000, p. 33).

A postura de não acompanhar as tarefas de casa muitas vezes ocorre por falta de conhecimento dos pais sobre o conteúdo, como também, alegam falta de tempo para se dedicar a isso, já que muitos deles quando chegam do trabalho encontra o filho dormindo. Paro (2000) alerta que a responsabilidade de orientar, estimular o aluno a se esforçar nos estudos, é tanto da família como dos professores em sala de aula.

Isso tem sido um problema no enfrentamento das dificuldades apresentadas pelo aluno porque se acredita muito que as responsabilidades de cada um estão definidas e separadas. O professor alimenta a ideia de que sua função exclusiva seja de transmitir uma formação acadêmica, se determinado aluno não se interessa mais pela escola, é com os pais que se deve resolver isso.

Quando se trata do Ensino Médio, essa prática se torna ainda mais visível por se tratar de uma fase em que o aluno já começa a definir o que deseja e não deseja, começa a se sentir independente para definir suas escolhas. Por outro lado, os pais acreditam que ao matricular o filho em uma escola, sua responsabilidade na educação foi transferida para a instituição escolar.

Os professores, muitas vezes, percebem a falta de preparo dos pais para incentivarem os filhos a se esforçarem na escola, por outro lado, se omitem sobre o que fazer. Mesmo nos momentos de discussão sobre a vida escolar dos alunos, o professor acaba por não falar tudo que deveria sobre o aluno, ou prefere não dizer nada, por acreditar que alguma mudança seja impossível de acontecer.

(...) Mesmo aqueles que mais enfaticamente afirmam constatar a falta de um maior preparo dos pais para ajudarem seus filhos em casa se



mostram totalmente omissos no tocante à orientação que eles poderiam oferecer, especialmente nas reuniões de pais, que é quando há um encontro que se poderia considerar propício para isso. (PARO, 2000, p. 65)

Se os pais ainda se sentem responsáveis pela educação de seu filho, se estão cientes que a escola sozinha não trará a contribuição suficiente para a formação dele, resta então assumir a responsabilidade que lhes compete, procurando sempre manter-se informado com o professor sobre o andamento das atividades escolares.

Porém, um obstáculo apontado por Paro (2000) tem dificultado a boa comunicação entre a família e a escola, trata-se do “medo” que determinados pais sentem pelo atendimento recebido nas escolas públicas. Medo por não se sentirem seguros para conversar com os professores sobre assuntos escolares e, principalmente, medo de só ouvir reclamações sobre o comportamento do filho na escola.

Alguns pais não gostam de frequentar as reuniões da escola porque se sentem inseguros quanto às reclamações que os professores irão fazer do seu filho. Isso porque os professores têm feito das reuniões escolares um “muro de lamentações”. Melhorar a comunicação entre os pais e as mães, sabendo explicar a real situação escolar do filho, tecendo elogios dos pontos positivos é uma forma de atrair os pais para o ambiente escolar.

Sobre a participação nas reuniões escolares, os professores costumam reclamar de que os pais daqueles alunos que, normalmente, tem alguma observação quanto à indisciplina, baixa frequência, baixo rendimento e etc., nunca estão presentes, enquanto os pais daqueles que não apresentam essas características estão sempre presentes, buscando informações sobre a vida escolar do filho.

Isso pode ser um indício de que a presença dos pais nas reuniões escolares traz benefícios para a vida acadêmica do aluno, já que os pais que comparecem são aqueles cujos filhos não apresentam nenhuma dificuldade.

Numa visão foucaultiana, a pesquisadora Maria Claudia Dal’Igna (2011) analisa a reunião de pais e mestres além de um simples momento de interação e comunicação entre a escola e os pais de alunos, segundo a autora “a reunião

não é apenas uma oportunidade pra aproximar a família da escola, mas também pode ser compreendida como uma técnica de governo.”(DAL’IGNA, 2011, p.106).

O governo, segundo ela, são estratégias adotadas pela escola para conhecer a realidade do aluno e da sua família fora da instituição de ensino, e, ao mesmo tempo criar mecanismos de controle social sobre os mesmos. A escola moderna precisa transformar a criança e o adolescente em seres ‘dóceis’. Para isso precisa ‘vigiar’ a família como forma de administrar o que DAL’IGNA chama de riscos sociais. Ela usa o depoimento de uma mãe para exemplificar como a instituição escolar se apropria de informações sobre a vida familiar do aluno para poder adotar responsabilidades e decisões:

Para cada professora, [a família] vai ter que explicar tudo de novo; Todo professor faz isso, conversa com cada pai para saber se o seu filho tem algum problema de doença, se pode participar da ginástica, de que religião é. Daí, eles perguntam tudo. Como é que é o relacionamento em casa, como é que ele se relaciona com os colegas, como é que foi o ano que passou (DAL’IGNA, 2011, p. 106).

A LDB, em seu segundo artigo, determina que a educação é “dever da família e do Estado”, e, ela visa “o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1996, art. 2º). Os autores, portanto, reforça o que a legislação defende sobre o compromisso e obrigação de algumas instituições sobre a educação da criança e do adolescente, nesse caso, o Estado deve oferecer condições para o acesso à escola e a família deve se responsabilizar por manter a formação escolar e humana do filho.

Ainda sobre a obrigação da família para com os filhos, o Código Civil brasileiro, no artigo 1.634, determina que: “Compete a ambos os pais, qualquer que seja a sua situação conjugal, o pleno exercício do poder familiar, que consiste em, quanto aos filhos: I - dirigir-lhes a criação e a educação (BRASIL, 2002.)”.

A boa relação da escola com os pais e a comunidade do entorno gera um clima de confiança, e, caso o ensino não seja de boa qualidade, pelo menos a escola é uma referência para manter o filho protegido.

Paro (2000), cita um trecho do depoimento da auxiliar de direção da escola, por ele pesquisada, para explicar porque os pais ainda acreditam na escola:

“Os pais acreditam, sim, na escola e esse eu acho que é um motivo importante. Não querem que seus filhos fiquem na rua, ele acha que o filho, além de aprender alguma coisa, está resguardado dos perigos da rua e eu concordo com os pais” (PARO, 2000, p. 63).

Nesse sentido, a escola é vista como uma instituição primordial não apenas na socialização, no comportamento e na formação de valores e princípios da criança mas, também como um lugar de proteção e cuidado.

## **2.6 O jovem no contexto escolar**

O jovem antes de se tornar jovem passa pela infância e a puberdade. Se na infância é considerada a fase da “docilidade” em que ocorre a troca de carinho e afeto entre os pais e a criança, a adolescência é sempre descrita como uma fase conturbada. É o momento da rebeldia, da discordância da opinião do pai e da mãe, o momento da formação física e psicológica e cada indivíduo quer definir sua postura, sua visão de mundo diante da realidade que o cerca.

O adolescente passa por uma redefinição da imagem corporal assim como são redefinidas as configurações urbanas e as fronteiras territoriais. Ele está se individualizando, rompendo vínculos, buscando autonomia e comparando valores para estabelecer seu próprio código de ética. (OENNING, 2016, p 03)

Nem sempre, o modo de vida dos pais agrada os filhos, porque estes costumam considerá-lo como ultrapassado. As influências externas são bem fortes, a mídia, os amigos (que agora aumentam consideravelmente) passa ser a principal referência do(a) filho(a) nessa fase.

Segundo Oenning (2016, p. 05), “na adolescência, o jovem busca identificação e segurança em grupos de iguais e os garotos e garotas criticam

as crenças dos pais”. Surge então a preocupação dos pais e a decepção de que toda atenção, carinho, ensinamento dado desde o nascimento foi em vão.

Segundo Zagury (1996), a relação com os pais e a formação enquanto ser humano vai depender daquilo que lhe foi ensinado desde criança.

A forma de relacionamento que se estabelece desde a mais tenra idade é, provavelmente, a que vai predominar no futuro. As coisas não acontecem por acaso. Se desde pequena uma criança é habituada a fazer tudo e tão somente o que quer, se nunca aprendeu o sentido de ter um limite, se não se habituou a eventualmente suportar um "não", se habituou a sempre fazerem o que ela quer, evidentemente não será fácil, exatamente nessa fase atribulada, de necessidade de autoafirmação e corte de vínculos, aprender a aceitar qualquer tipo de controle. (ZAGURY, 1996, p 23-24).

É necessário entender que o adolescente vive um momento difícil, situação natural dessa fase, momento também de os pais saberem entender separar o “certo do errado”. Em outras palavras, os pais não devem ser muito rígidos a ponto de prejudicar o desenvolvimento do filho, mas também, não devem aceitar toda e qualquer atitude do adolescente.

Assim como afirma Zagury (1996), o limite tem de ser mantido em toda fase de desenvolvimento do filho. Se os pais criam os filhos sem nenhum tipo de limite, se ele nunca aprendeu a ouvir um “não”, provavelmente continuará agindo como criança por muito tempo. O adolescente deve ser tratado como adolescente, começar a cumprir com obrigações, saber respeitar as pessoas ao seu redor, enfim, se o seu corpo começa ganhar forma de um adulto o lado psicológico precisa acompanhar o desenvolvimento do corpo.

Não devemos ignorar que, apesar das dificuldades, o nosso filho adolescente já está de posse de toda a sua capacidade cognitiva, de entendimento, passível, portanto, de compreender e assumir responsabilidades. Quanto mais cedo desenvolvermos esse processo, melhor para eles e para nós. (ZAGURY, 1996, p 25).

De modo geral, existe uma visão positiva dos jovens em relação à escola. Segundo Zagury (1996), a classe social elitista não abre mão de manter seus filhos na escola, até porque a única preocupação dessas crianças é

meramente com os estudos. Entre as classes populares, estudar é uma forma de alcançar melhor posição social.

Manter o filho do trabalhador na escola, na concepção da família, é também uma forma de evitar que ele fique perambulando pelas ruas e se envolva com más companhias enquanto os pais trabalham. Desse modo, tanto os pais quanto os filhos enxergam a educação escolar como algo positivo.

Dos 943 jovens entrevistados, 92,2% afirmaram estudar porque "consideram importante para as suas vidas"; enquanto apenas 2,5% afirmaram estudar "porque os pais obrigam". Traduzindo em miúdos, apenas uma pequena minoria só estuda porque os pais obrigam — a grande maioria, ao chegar à adolescência, já incorporou ESTUDAR como um valor importante. (ZAGURY, 1996, p 29).

Para quem é professor e está na sala de aula todos os dias, em contato com vários jovens, depara com um percentual bem maior de alunos sem vontade de continuar estudando ou que pelo menos demonstra insatisfação de estar na escola. Zagury (1996) afirma que mesmo entre aqueles que consideram importante estudar, ainda assim tem os momentos de recaída, começam a se interessar por outras coisas, são as amizades, uma paixão ou assuntos que não são trabalhados na escola.

Por essa razão, é importante que a escola conheça a realidade de seus alunos e busque trabalhar os conteúdos baseados naquilo que é de interesse deles. Assim, é preciso que a escola, juntamente com os professores e toda a equipe escolar valorize os saberes dos estudantes, buscando contemplar as suas necessidades e interesses, a fim de incentivá-los a continuarem na escola, entendendo que este espaço é um lugar não só de adquirir conhecimento científico, mas também de desenvolvimento pleno da cidadania.

Embora os estudos sobre a juventude tenham sido cada vez mais frequentes, ainda não existe um consenso sobre o conceito de juventude nem sobre o período em que ela acontece. Ao analisar esse conceito em teses, dissertações e artigos das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, publicados entre 2007 e 2011, Trancoso e Oliveira (2016, p.278) concluíram que “o conceito de juventude é polissêmico, interdisciplinar e constricto à realidade sócio-histórica-cultural da experiência humana”.

Sendo assim, não há uma definição única de juventude, podendo esta ser compreendida a partir de diferentes concepções. Diante disso, é possível reconhecer que existem “juventudes” que estão presentes no contexto familiar e escolar. De acordo com Souza (2011, p. 05-06),

O reconhecimento de que existem juventudes possibilita uma discussão sobre as representações sociais a respeito dos jovens na contemporaneidade. É preciso admitir, há diferentes formas de considerar os jovens, como há diferentes maneiras de eles se afirmarem como sujeitos, considerando, inclusive, diferentes organizações sociais de referência, a exemplo da escola. (SOUZA, 2011, p. 05-06)

Sendo assim, a escola deve ser um espaço de reconhecimento e de valorização das juventudes em todas as suas especificidades, um espaço no qual o aluno tenha vez e voz. Nessa perspectiva, a escola deixa de ser uma instituição que transmite um conhecimento padronizado. No entanto, nem sempre a escola reconhece as particularidades da juventude e, assim, acaba frustrando as expectativas do aluno e destruindo o sonho de um jovem.

Os pais também devem incentivar os seus filhos, pois se entende que esse incentivo deve acontecer desde o início da vida escolar da criança e não deve ser um papel desempenhado apenas pela escola. Se na adolescência, fase de contestação, o(a) filho(a) começa a dizer que não quer mais estudar e não encontra resistência dos pais, provavelmente ele(a) irá alimentar essa ideia e em pouco tempo estará abandonando a escola. Por isso, é necessário o incentivo e, se preciso, a cobrança dos pais no sentido de manter o filho no ambiente escolar.

Existem situações na família que dificulta ao jovem permanecer estudando por mais tempo, até ingressar na universidade, por exemplo. A baixa renda familiar, aliado à necessidade de contribuir com o sustento da casa, é um dos motivos mais comuns pelo abandono da escola por parte dos jovens.

Se for necessário abandonar, segundo Zagury (1996), o recomendado seria quando o filho está no final da adolescência fase com maior maturidade para tomar decisões. Porém, infelizmente muitos adolescentes abandonam a

escola antes mesmo de chegar ao Ensino Médio e posteriormente encontram dificuldade para retomarem os estudos. Em outros casos o fato de alguns adolescentes serem reprovados diversas vezes também contribuem para a evasão escolar ainda no Ensino Fundamental.

Cabe ressaltar que, em todas as situações a parceria entre a escola e a família é essencial, pois por meio dessa parceria é possível realizar ações que possam evitar que tais estudantes desistam da escola.

### 3. PERCURSO METODOLÓGICO

Considerando o objeto de estudo optou-se por realizar uma pesquisa de natureza qualitativa, tomando como referência os estudos de Minayo (1994).

A autora afirma que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994, p. 21-22)

Assim sendo, considera-se que esse tipo de pesquisa é o mais adequado para a análise do objeto em estudo, já que se trata de investigar a relação família-escola e sua contribuição para a aprendizagem dos/as estudantes.

Considerando que, nas Ciências Sociais, o espírito investigativo deve estar antenado com as particularidades de cada indivíduo e, que tais particularidades nem sempre são possíveis de serem percebidas apenas com a coleta de dados, Minayo (1994), acrescenta que:

A realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda riqueza de significados dela transbordante. Essa mesma realidade é mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento e qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela. Portanto, os códigos das ciências que por sua natureza são sempre referidos e recortados são incapazes de a conter. As Ciências Sociais, no entanto, possuem instrumentos e teorias capazes de fazer uma aproximação da suntuosidade que é a vida dos seres humanos em sociedades, ainda que de forma incompleta, imperfeita e insatisfatória. Para isso, ele aborda o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nos sujeitos, nos significados e nas representações. (Minayo, 1994, p. 15).

Entende-se, portanto, que a realidade é complexa e, por isso, o pesquisador deve tentar fazer uma análise mais próxima possível dessa realidade, observando não apenas as falas do sujeito, mas todo o contexto histórico e social em que este está inserido.



Com base nesse pressuposto, realizamos a interpretação de como a relação família-escola influencia no desempenho escolar dos/as estudantes a partir do olhar do pesquisador sobre um grupo delimitado de indivíduos, estabelecendo contato direto com os mesmos, observando as relações familiares e o contexto sócio-histórico em que estes vivem.

### **3.1 Caracterização do campo da pesquisa**

O campo empírico deste estudo será o Colégio Estadual Cerqueira Campos, localizado no município de Candiba - BA. A escolha desse local se deu pelo fato de ser a única instituição que oferece o Ensino Médio no município e, também porque não existem dados de pesquisa que discute essa temática, no referido município nem na microrregião<sup>2</sup> em que este está inserido.

Essa escola atende a um grupo de 445 estudantes e, devido a sua participação nos projetos estruturantes e aprovação dos alunos nos vestibulares, vem ganhando grande destaque dentro do seu Núcleo Territorial de Educação (NTE 13), antiga DIREC – Diretoria Regional de Educação. No ano de 2017 aconteceu a implantação do Programa Ensino Médio Integral, sendo a primeira escola do Núcleo Territorial a receber esse Programa.

O CECC oferta o Ensino Médio em três modalidades, sendo elas: o Ensino Médio Regular com tempo parcial; o Ensino Médio Regular de tempo integral e o Ensino Médio na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). Esse colégio está localizado no centro da cidade, na rua mais conhecida, que recebe o nome de um ex-presidente do Brasil. Essa rua inicia-se na parte norte dando acesso à praça da matriz, como era chamada, e a Igreja de Nossa Senhora das Dores. Ao longo de grande parte da rua encontram-se os principais pontos de comércio e serviços da cidade e, nessa mesma rua dá acesso ao mercado municipal.

---

<sup>2</sup> O município de Candiba – BA pertence à microrregião de Guanambi-BA, localizada à 796 km da capital baiana.

A parte dos fundos da escola faz limite com uma rua estreita com vista para uma antiga lagoa que, após parte dela ser aterrada, foi construído um salão da Comunidade Evangélica de Candiba. Os moradores dessa área são pessoas de origem humilde que sofreram e ainda sofrem diversos tipos de preconceito por conta da precária condição socioeconômica em que a maioria está submetida.

Rodeado de casas e lojas, o CECC ficou meio que comprimido no centro da cidade, pois não existe nenhum espaço ou praça na frente da escola como é de costume em outras localidades. O portão de saída e entrada de alunos dá direto para rua que é a mais movimentada da cidade, o que exige mais cuidado dos pedestres e dos motoristas.

Para quem passa em frente à escola visualiza o muro de proteção, em uma parte dele aparece o nome do colégio na cor azul e, na sequência uma série de pinturas realizadas pelos alunos usando a técnica do grafite. A fachada do Colégio Estadual Cerqueira Campos nos passa uma visão agradável, demonstrando que a estrutura física está em bom estado de conservação. O que não é diferente quando se adentra pelo interior da escola.

O Cerqueira Campos foi a primeira escola criada no município com o objetivo de ofertar as séries iniciais do Ensino Fundamental. Ao longo do tempo ela foi tendo seu espaço ampliado e oferecendo os outros níveis de ensino (em 1999 passou a ofertar da 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série do Ensino Fundamental).

A implantação do Ensino Médio só ocorre a partir do ano de 2002, quando a rede estadual assumiu a responsabilidade dessa modalidade de ensino. Nessa época, o prédio passou por uma reforma e ampliação, tornando então colégio estadual.

Atualmente, a escola dispõe de nove salas de aula, uma sala com laboratório de ciências, uma sala de TV e uma sala de informática. Esta última funciona com equipamentos precários sendo utilizada, na maior parte do

tempo, com reuniões, oficinas ou Atividade Complementar<sup>3</sup> (AC) dos professores e, muito pouco como laboratório de informática.

Existe uma biblioteca com um acervo considerável, porém, a falta de funcionários na escola tem comprometido o acesso. A biblioteca só é aberta quando solicitado por algum aluno ou professor na secretaria, assim uma pessoa é deslocada para o atendimento. Em 2018 um grupo de alunos do 3º ano do tempo parcial se prontificou a abrir a biblioteca pelo menos uma vez por semana, o que não durou por muito tempo.

Das nove salas de aula, seis estão forradas e com pelo menos um aparelho de ar condicionado, restando três que utilizam apenas dois ventiladores de parede. Quanto à sala dos professores é um espaço apertado considerando a quantidade de professores da escola e a quantidade de materiais guardados e/ou acumulados dentro da sala.

Existe uma mesa no centro com cadeiras, duas mesas com computadores, um armário coletivo, armários individuais, um sofá, uma longarina com três lugares, bebedouro, pia com espelho, aparelhos de som, livros, bolsas, cartolinas, enfim, a sala não tem espaço para reunir todos os professores num encontro pedagógico, por exemplo.

Até o ano de 2017 o Colégio Estadual Cerqueira Campos vivia situação confortável quanto às salas de aula. No ano seguinte aumentou a demanda de salas porque o Ensino Integral passou a abranger a Primeira e a Segunda série do Ensino Médio. Para adequar à demanda de alunos, até a sala de leitura foi transformada em sala de aula.

Essa necessidade não se deu pelo aumento do número absoluto dos alunos, mas pelo tempo de permanência na escola, ou seja, com a implantação do PROEI uma sala que era usada por uma turma no matutino, por exemplo, ficava livre para outra turma do vespertino, a partir de então, passou a ser ocupada pela mesma turma nos dois turnos.

---

<sup>3</sup>A Atividade Complementar (AC) se constitui como um espaço/tempo inerente ao trabalho pedagógico do(a) professor/a destinado ao planejamento e organização de suas atividades a ser realizada de forma individual ou coletiva. É um direito conquistado ao longo das lutas do movimento docente em prol da profissionalização do Magistério, instituído como um dispositivo pedagógico de reflexão e formação continuada do/a professor/a com perspectiva de reorientação da prática docente. (BAHIA, 2015).

Funcionando nos três turnos, a escola atende a um grupo de 445 alunos oriundos das diversas localidades do município. É a única escola Estadual que oferta o Ensino Médio, por isso teve de atender ao Programa do Ensino Médio Integral (PROEI) e manter o Ensino Médio de tempo parcial para os alunos que trabalham durante o dia e, a Educação de Jovens e Adultos para aqueles que não tiveram acesso à escola na idade certa ou aqueles que estão com distorção idade-série.

Pode-se perceber o perfil variado dos alunos matriculados nessa escola quando se considera a faixa etária dos mesmos e o domicílio, uma vez que existem alunos residentes na cidade e no meio rural. Dos 445 alunos matriculados, 108 possuem idade incompatível com a série que estuda. Do total, 222 são oriundos da zona rural e 223 moram na zona urbana. Contudo, se levar em consideração outros fatores, como econômicos e sociais, percebe-se que é possível colocá-los dentro de um mesmo patamar.

São alunos oriundos de famílias que dispõe de poucos recursos econômicos, filhos de pequenos agricultores, funcionários públicos e alguns comerciantes. Algumas famílias contam até com aposentadoria de algum membro da casa para manter-se economicamente. A dificuldade financeira é superada pelo espírito forte da maioria desses alunos que procura manter-se perseverante nos estudos, até a conclusão do Ensino Médio.

Mesmo havendo casos específicos de conflitos ou abandono, a maioria dos estudantes demonstram ter o apoio e incentivo da família para continuarem estudando. O resultado do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) 2017, do Colégio Estadual Cerqueira Campos foi de 4,2, ficando entre os melhores resultados da Bahia e acima da meta prevista pelo Ministério da Educação (MEC)<sup>4</sup>, a nível estadual, que foi de 4,1.

---

<sup>4</sup>O Ideb é o principal indicador da qualidade da educação básica no Brasil. Para fazer essa medição, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) utiliza uma escala que vai de 0 a 10. A meta para o Brasil é alcançar a média 6.0 até 2021, patamar educacional correspondente ao de países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Disponível em: <https://academia.qedu.org.br>.

No tocante aos recursos humanos, o colégio contava com um total 40 (quarenta) pessoas no momento da pesquisa, distribuídos da seguinte forma: 21 (vinte e um) professores efetivos e 6 (seis) contratados; 1 (uma) coordenadora pedagógica; 1 (uma) secretária escolar; 2 (duas) assistentes de secretaria e 9 (nove) assistentes administrativos distribuídos em faxina, cantina e portaria (um deles cedido pelo município).

Dos professores efetivos um deles ocupa a função de Diretor, outros dois dividem a carga horária em sala de aula e a função de Vice-Diretor e tem ainda mais uma professora como coordenadora do Ensino Médio Integral.

Analisando o grau de escolaridade da equipe docente pode-se notar que houve uma preocupação da maioria com a formação acadêmica, já que todos além de ter pelo menos uma graduação possuem ainda Pós-graduação em nível de especialização, e, pelo menos dois dos professores já possuíam Pós-graduação em nível de mestrado.

A exceção ficava para os professores contratados, pois um dos regimes de contrato consiste no estágio remunerado em que a Secretaria de Educação e Cultura (SEC) contrata estudantes dos cursos de Pedagogia ou outra licenciatura para atuar na sala de aula por um período de um ano.

Nesse caso, havia três estagiários que estavam tendo as primeiras experiências em sala de aula. Os outros três eram contratados pelo Regime Especial de Direito Administrativo (REDA), com duração de dois anos, podendo ser prorrogado por igual período. Nesse modelo de contrato é preciso ter formação na área que pretende atuar e passar por uma seleção. De modo geral, pode-se dizer que o CECC possui uma equipe preparada para trabalhar no Ensino Médio.

Conforme consta do Projeto Político Pedagógico, os professores do Colégio Estadual Cerqueira Campos assumem com responsabilidade e dedicação ao trabalho pedagógico. Fazem planejamento coletivo, reúnem em grupos nos horários de Atividade Complementar, divididos por área do conhecimento e, elaboram atividades visando melhorar a aprendizagem dos estudantes.

Outra maneira de procurar fortalecer o ensino e a aprendizagem foi a adesão da escola aos Projetos Estruturantes. Os Projetos Estruturantes são uma série de atividades implementadas pela Secretaria de Educação e Cultura (SEC), por meio do Instituto Anísio Teixeira (IAT) como forma de fortalecer as escolas públicas da rede estadual.

Implantado em 2008, a SEC passou a incentivar as escolas a aderir às atividades que levassem os alunos da rede pública estadual a desenvolverem sua criatividade e, ao mesmo tempo descobrir talentos que nem sempre eram revelados.

Por isso, ao longo desse tempo o CECC aderiu a vários Projetos Estruturantes sendo eles: Festival Anual da Canção Estudantil (FACE); Tempos de Arte Literária (TAL); Educação Patrimonial e Artística (EPA); Produção de Vídeo Estudantil (PROVE); Artes Visuais Estudantis (AVE); Festival de Teatro Estudantil (FESTE); Dança Estudantil (DANCE); Jogos Escolares da Rede Pública (JERP) e o Projeto Ciência na Escola.

Ao acessar o portal da Secretaria de Educação aparece apenas o último projeto citado como componente dos Projetos Estruturantes enquanto que os demais fazem parte de um conjunto de atividades chamadas de Projetos de Educação corporal, artístico e cultural. Essa ressalva é para lembrar que mesmo tendo essas denominações no site da SEC, no PPP do Cerqueira Campos são todos chamados de Projetos Estruturantes.

Com foco no ensino e aprendizagem esses projetos foram implementados gradativamente e as escolas foram optando por aqueles que julgassem necessário. O período de aderir ou não a determinado projeto ocorre no início do ano durante a jornada pedagógica.

O Projeto Ciência na Escola busca incentivar o espírito investigativo dos alunos possibilitando as primeiras experiências com a pesquisa. A partir de um problema identificado pelo aluno ele irá procurar uma solução de forma simples, sustentável e com baixo custo. Depois de elaborar sua pesquisa, com orientação de um professor, os resultados são expostos numa feira organizada na escola.

Todos os trabalhos realizados pelos alunos são submetidos à análise por um corpo de jurados, e, aquele que for mais bem classificado na etapa escolar, de cada modalidade, concorre numa etapa regional e, por último, estadual. Para quem concorre no Projeto Ciência na Escola ainda pode participar de feiras nacionais e internacionais. O CECC tem tido destaque nesse projeto já que várias equipes tem participado da feira estadual de Ciências organizada pela SEC, e, pelo menos dois trabalhos de pesquisa já foram submetidos às feiras nacionais.

Entre os órgãos colegiados de fortalecimento da educação, a partir de uma gestão democrática, o PPP destaca a existência do Colegiado Escolar. Esse é um conselho composto por representantes de todos os segmentos da escola (o Diretor, o representante dos professores, dos alunos, dos funcionários, dos pais e da comunidade do entorno) eleitos por um período de dois anos.

Esse conselho se reúne mensalmente e possui função consultiva, deliberativa e fiscalizadora dos assuntos pedagógicos, administrativos e financeiros da escola. Além do Colegiado, funciona também o conselho de classe que é realizado no final de cada unidade letiva e previsto na legislação como obrigatoriedade das escolas. Outros conselhos que poderia surgir da organização de algum segmento ou da comunidade escolar como um todo, não existe no CECC (Grêmios Estudantil e Associação de Pais e Mestres).

### **3.2 Caracterização do município**

O Colégio Estadual Cerqueira Campos (CECC) está situado no município de Candiba, pequena cidade do interior da Bahia, localizada a 825 Km da capital do Estado. Candiba fica na Região do Centro Sul Baiano na Microrregião de Guanambi. Limita-se com os municípios de Pindaí, Sebastião Laranjeiras e Guanambi. De acordo com o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010 a cidade tinha cerca de 13.210 habitantes e área territorial de 399,4 Km<sup>2</sup>.

Visando facilitar a administração pública, a Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia estabeleceu a divisão do estado em 27 territórios de identidade<sup>5</sup> e Candiba compõe um dos 20 municípios integrantes do território chamado Sertão Produtivo<sup>6</sup>. Por ser um município pequeno do interior da Bahia, Candiba se identifica melhor como uma comunidade do que como uma sociedade.

Em uma comunidade há o predomínio daquelas relações ditas tradicionais, o contato entre os moradores ainda ocorre de forma direta ou pessoal. Como nesse tipo de relação todos os moradores do local se conhecem, a vida de cada indivíduo é regida por normas coletivas, pelo costume.

O que a Sociologia chama de sociedade é o modo de vida típico das metrópoles, onde, diferentemente da comunidade, as relações sociais se dão de forma indireta ou impessoal. Em outras palavras, o contato entre dois indivíduos ocorre mais pela necessidade que um tem do outro em resolver questões relacionadas à profissão, por exemplo. É praticamente inexistente o contato entre vizinhos ou talvez um vizinho não conheça o outro.

A comunidade de Candiba apresenta um padrão simples de vida, pois tem como principal meio de subsistência a lavoura e a pecuária, bem como o

---

<sup>5</sup>Com o objetivo de identificar prioridades temáticas definidas a partir da realidade local, possibilitando o desenvolvimento equilibrado e sustentável entre as regiões, o Governo da Bahia passou a reconhecer a existência de 27 Territórios de Identidade, constituídos a partir da especificidade de cada região. Sua metodologia foi desenvolvida com base no sentimento de pertencimento, onde as comunidades, através de suas representações, foram convidadas a opinar. O conceito de Território de Identidade surgiu a partir dos movimentos sociais ligados à agricultura familiar e à reforma agrária, sendo posteriormente adotado pelo Ministério de Desenvolvimento Agrário para a formulação de seu planejamento. A adoção como unidade de gestão para o estado da Bahia foi ajustado conceitual e metodologicamente para a formulação do planejamento em todas as dimensões, incluindo a realidade urbana e as atividades dos setores econômicos secundário e terciário. Disponível em: <<http://www.sei.ba.gov.br>>.

<sup>6</sup>A Regionalização Territórios de Identidade foi adotada pela Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia (Seplan) através da Lei nº 10.705, de 14 de novembro de 2007, quando lançou o Plano Plurianual 2008-2011, e contava à época com 26 Territórios de Identidade que abarcavam os 417 municípios. Desde então, atendendo os objetivos do governo estadual e às necessidades dos municípios baianos sofreu ajustes e atualmente está consolidada conforme Lei nº 13.468, de 29 de dezembro de 2015, que aprova o Plano Plurianual 2016-2019, contando com 27 Regiões. Disponível em: <<http://www.sei.ba.gov.br>>.



trabalho no serviço público e os benefícios advindos dos programas sociais do governo. Outra fonte de renda é o comércio varejista e atacado que representa grande parcela da receita do município.

Como em toda pequena cidade sertaneja, as aposentadorias rurais são bastante significativas para o sustento de muitas famílias, chefiadas por lavradores e lavradoras aposentados, que dedicam suas vidas à lida com a terra em pequenas propriedades.

Os candibenses preservam algumas tradições culturais. As manifestações mais expressivas são as festas juninas, especialmente o São João, que é comemorado em família, tanto na zona rural quanto na zona urbana. Nos últimos anos, vem ganhando força os festejos a São João, em praça pública, promovidos pela Prefeitura Municipal.

As festas religiosas são bem participadas. Durante o ano, acontecem várias delas, tanto na igreja católica (Festejos a Maria, no mês de maio, festa da padroeira em setembro, Semana Santa, etc.) quanto nas igrejas evangélicas (Retiros, Festa das Cabanas, Dia do Evangélico, etc.). Isso demonstra que os candibenses manifestam sua fé com fervor e dedicação e pode ser um fator que contribui para a convivência amigável e pacífica entre os munícipes.

Em se tratando de lazer e cultura, Candiba oferece pouca opção. As pessoas buscam se distrair nos bares e praças, alguns frequentam o único clube social da cidade (que é uma instituição privada e está disponível para poucos) e outros praticam futebol. São realizados alguns eventos anuais como, aniversário da cidade, festival do guaraná para as crianças, entre outros, ocasiões em que se aglomeram grande número de pessoas, tanto do município quanto dos municípios vizinhos.

Em se tratando de eventos culturais existe uma carência muito grande. Com exceção de alguns shows musicais em datas comemorativas, o município não dispõe de nenhum outro tipo de atividade que envolva manifestações artísticas.

### **3.3 sujeitos da pesquisa e critérios de seleção**

Como não será possível realizar esta pesquisa com todos os alunos que cursaram o Ensino Médio no CECC entre 2016 e 2018 e seus respectivos pais ou responsáveis, a escolha dos sujeitos se dará a partir de uma amostragem.

Assim sendo, decidiu-se selecionar um grupo de onze alunos que cursaram o primeiro ano do Ensino Médio no período mencionado e seus respectivos pais ou responsáveis, totalizando 22 sujeitos. Para isso, foram selecionados seis alunos que cursaram o primeiro ano do Ensino Médio entre 2016 e 2018, com média superior a seis pontos e cinco alunos que cursaram o primeiro ano do Ensino Médio no mesmo período com média inferior a seis.

Como critério de seleção dos sujeitos, foi utilizado o desempenho escolar dos estudantes a partir do diário de classe e ficha individual do estudante. Estabeleceu-se o valor de seis pontos como parâmetro para identificar os estudantes com baixo desempenho e estudantes com bom desempenho.

A escolha dos alunos para a pesquisa ocorreu no ano de 2018. Nesse período alguns deles já cursavam a segunda ou terceira série do Ensino Médio mas, levou-se em consideração os resultados obtidos na primeira série do Ensino Médio.

### **3.4 Instrumento de coleta de dados**

A coleta de dados aconteceu por meio da análise de documentos disponíveis para consulta aberta no Colégio Estadual Cerqueira Campos, a saber: ata de resultados finais, diários de classe e registro da frequência dos pais ou responsáveis nas reuniões e eventos realizados pelo CECC.

Através dessa análise foi possível fazer o levantamento da participação/acompanhamento dos pais ou responsáveis nas atividades realizadas no CECC, no período de 2016 a 2018 e analisar o desempenho

escolar dos estudantes no período citado. De acordo com Lüdke e André (1986, p. 38) “a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”.

Além da análise documental, foram aplicados dois questionários semiestruturados, um aos alunos previamente selecionados e autorizados, e, outro aos seus respectivos pais ou responsáveis.

Esse questionário teve por finalidade de coletar mais informações não disponíveis na escola, tais como: escolaridade, profissão, área de atuação dos pais no mercado de trabalho; acompanhamento das atividades extraescolar; opinião dos responsáveis sobre seu envolvimento na vida escolar dos alunos, assim como, a opinião dos estudantes sobre a participação dos seus responsáveis na sua vida escolar.

Segundo Gil (1999, p.128), o questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”.

Para analisar a influência da participação da família no desempenho escolar dos estudantes, foi necessário também fazer uma revisão bibliográfica, a fim de entendermos as atuais discussões acerca do tema. O estudo da literatura se faz necessário para que exista o “domínio de um repertório bibliográfico mais amplo, que permita a criatividade construtiva do pesquisador, seja na fundamentação do seu problema, seja na atribuição de significados aos dados” (GATTI, 2012, p. 28).

As fontes de leitura foram adquiridas de várias formas, desde livros, artigos, banco de teses e dissertações da Capes e sites de pesquisa acadêmica (scielo, plataforma família na escola da UFMG, biblioteca virtual, etc.).

Os questionários foram aplicados sem que os sujeitos pudessem ser identificados. Neste contexto, entrevistamos primeiramente o grupo de alunos

com rendimento escolar abaixo de seis pontos e seus respectivos pais, e, logo depois o grupo de alunos com média acima de seis pontos e os pais dos mesmos.

A escolha dos alunos com alto e baixo rendimento foi feita pelos diários de classe disponíveis na escola. Para definir se determinado aluno obteve nota superior ou inferior a seis pontos, conforme definido anteriormente, calculou-se a média aritmética a partir da nota final em cada disciplina. No período da coleta de dados, como ainda não havia concluído o ano letivo de 2018, considerou-se as notas da primeira e segunda unidade de seis estudantes da primeira série do Ensino Médio no referido ano letivo.

Outro aspecto a ser considerado é que não houve aqui a intenção de selecionar os sujeitos por sexo, ou seja, a escolha de alunos e alunas se deu aleatoriamente sem seguir o critério de paridade entre sexo masculino e sexo feminino.

Para a análise dos dados foi realizada a Análise de Conteúdo com base em Amado, Costa e Crusóe (2013). De acordo com os referidos autores, a Análise de Conteúdo pode ser uma tática do pesquisador para obter, de modo preciso, uma conclusão a partir da sua capacidade de interpretação sobre determinado objeto. A interpretação de um conteúdo se torna possível quando é 'desmembrado em categorias'.

Desse modo, os dados obtidos através dos questionários e dos documentos disponíveis para consulta aberta no Colégio Estadual Cerqueira Campos foram analisados e interpretados, buscando compreender em que medida a participação dos pais ou responsáveis nas reuniões e nos eventos realizados no Colégio Estadual Cerqueira Campos, em Candiba - BA pode ter contribuído para melhorar o desempenho acadêmico dos estudantes do Ensino Médio, no período de 2016 a 2018.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para dialogarmos com os resultados e discussões, apresentamos inicialmente uma descrição do perfil das famílias e dos estudantes que participaram deste estudo, além disso, um resumo do contexto e das condições de vida do conjunto. Logo após, apresentaremos as categorias temáticas identificadas na análise das entrevistas.

### 4.1. Descrição do perfil das famílias

Os resultados revelaram dados que permitiram traçar os perfis das famílias e dos adolescentes participantes da pesquisa. Desse modo, o Quadro I, a seguir, apresenta a identificação fictícia (código) das famílias que participaram o sexo, área residencial, a escolaridade do familiar, profissão e cor. O quadro II traz a identificação fictícia de cada aluno participante, conforme segue abaixo:

Quadro I – Dados sobre os pais/mães de alunos

Sujeitos	Sexo/idade	Residência	Escolarização	Profissão	Cor
F1	Feminino	Área urbana	Fundamental incompleto	Lavradora	parda
F2	Feminino	Área rural	Fundamental incompleto	Doméstica	Parda
F3	Feminino	Área urbana	Ensino Médio completo	Costureira	Parda
F4	Feminino	Área urbana	Ensino Médio completo	Do lar	Negra
F5	Feminino	Área rural	Ensino médio completo	Lavradora	Parda
F6	Feminino	Área rural	Fundamental incompleto	Merendeira escolar	Parda
F7	Feminino	Área urbana	Fundamental incompleto	Lavradora	Parda
F8	Feminino	Área rural	Fundamental	Lavradora	Branca

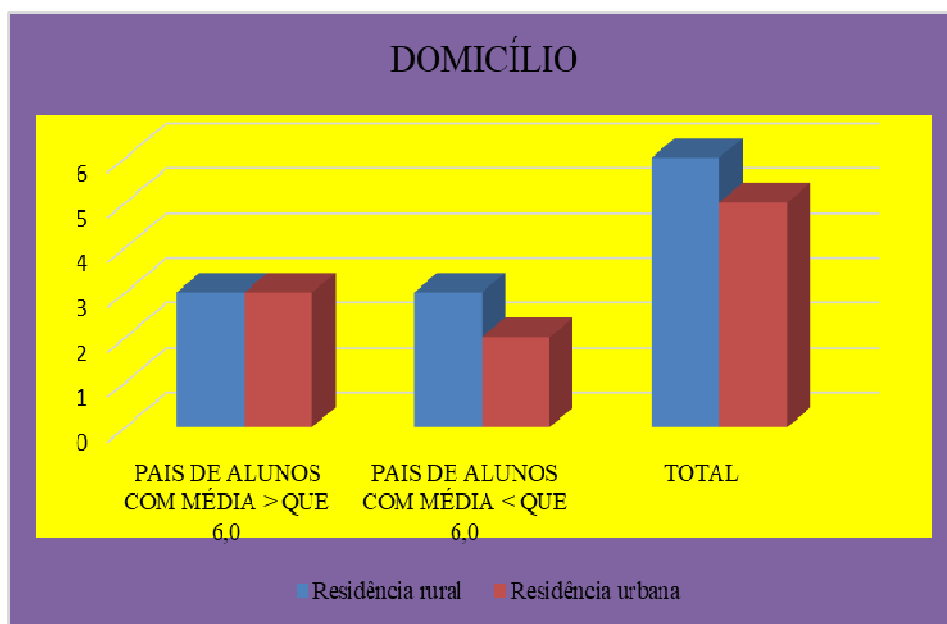
			incompleto		
F9	Feminino	Área rural	Fundamental incompleto	Agricultora	Parda
F10	Feminino	Área urbana	Ensino Médio completo	Dona de casa	Pardo
F11	Masculino	Área urbana	Fundamental incompleto	Chaveiro	Pardo

Quadro II – Dados sobre os alunos

Sujeitos	Sexo	Endereço residencial	Cor	Ano em que cursou a 1ª série do Ensino Médio	Com quem mora
F1	Feminina	Área urbana	Parda	2017	Pai/mãe
F2	Feminino	Área rural	Parda	2018	Mãe
F3	Feminino	Área urbana	Parda	2018	Pai/mãe
F4	Feminino	Área urbana	Parda	2017	Pai/mãe
F5	Feminino	Área rural	Parda	2016	Pai/mãe
F6	Feminino	Área rural	Parda	2016	Pai/mãe
F7	Masculino	Área urbana	Parda	2018	Mãe
F8	Masculino	Área rural	Parda	2018	Pai/mãe
F9	Feminino	Área rural	Parda	2017	Pai/mãe
F10	Feminino	Área urbana	Parda	2018	Pai/mãe
F11	Feminino	Área urbana	Parda	2016	Pai/mãe

A partir da análise dos quadros apresentado, percebemos que a maioria das famílias residem na área rural e é do sexo feminino, uma grande quantidade são trabalhadoras rurais, além disso, a maior parte dos pais possui o ensino fundamental incompleto e três possuem o ensino médio completo, a maioria se autodeclaram negros (pardos), como apresentado nos gráficos 1, 2, 3 e 4.

Gráfico 1 – Domicílio – rural e urbano



Fonte: dados da pesquisa, 2018

Um fator importante a ser observado nesta investigação é que a maior parte das participantes são mulheres, somente um pai respondeu ao questionário, (como apresentado no gráfico 2), o que fica evidente que a presença de pais (homens) nas reuniões é muito pequena, isso pode ser explicado a partir da teoria defendida por Bourdieu (2002) quando ele discute o domínio exercido pelo homens sobre as mulheres em determinadas situações.

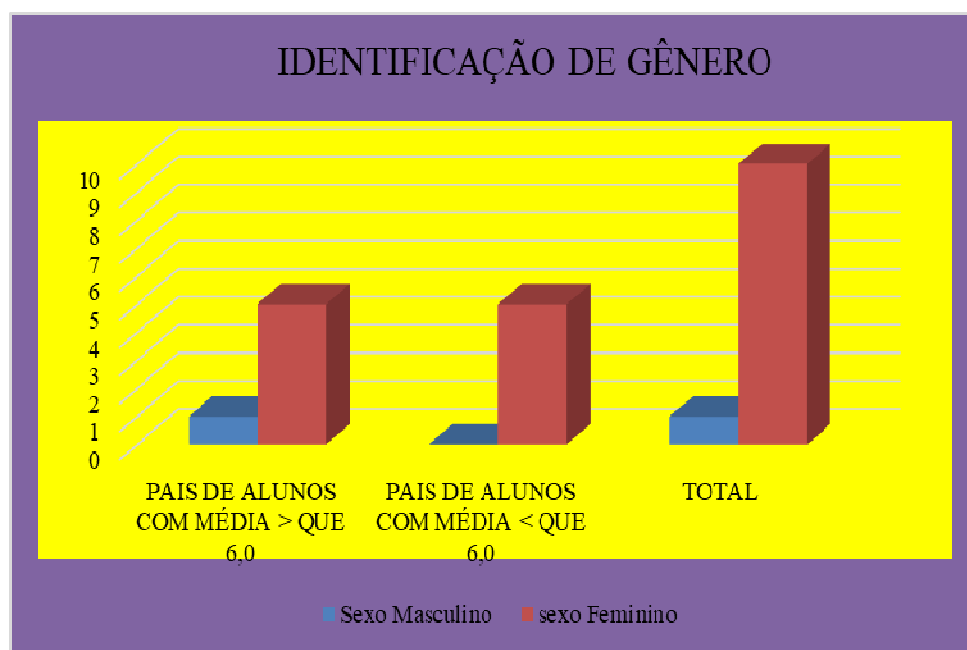
Em A Dominação Masculina, Bourdieu (2002) salienta que determinadas atividades são reservadas às mulheres porque a sociedade considera como tarefa exclusivamente feminina. Nesta pesquisa, em nenhum momento houve determinação sobre quem dos cônjuges deveria responder as perguntas, a escolha ficou a critério do(a) aluno(a). O predomínio das mães

que se dispuseram a responder o questionário não indica, necessariamente, maior poder de decisão sobre a escolarização dos filhos.

O que parece na verdade, é que a função de acompanhar a situação escolar do(a) filho(a) tornou-se uma obrigação ligada à condição da mulher. Atividades que não exigem conhecimento especializado deve deixar ao encargo das mulheres, nesse caso aqui, são as mães que devem matricular o(a) filho(a), participar das reuniões e procurar saber se está cumprindo com as obrigações escolares. Essa é uma concepção naturalizada e reproduzida na sociedade.

Ainda sobre o papel da mulher, merece destaque também a análise de Roudinesco (2003), quando a autora discute a mudança na concepção de organização familiar por conta da mulher conquistar maior autonomia. Essa autonomia se dá a partir do surgimento da ordem burguesa em que ela passa decidir sobre a gestação, por exemplo. Em vista disso, incorporou-se na mentalidade da época de que “a mulher deve acima de tudo ser mãe”. Neste estudo ficou evidente que na contemporaneidade, a mãe deve acima de tudo acompanhar o filho na escola.

Gráfico 2 – Identificação de gênero



Fonte: dados da pesquisa, 2018



A pesquisa apontou que a maioria das mães são lavradoras, (trabalhadoras rurais), como apresentado no gráfico 3. Essas trabalhadoras rurais que hoje vendem sua força de trabalho nas plantações, dividem a suas tarefas diárias de donas de casa, mãe e muitas vezes respondem sozinhas pelos cuidados dos filhos, dos animais de pequeno porte, participando da produção familiar. Neste sentido, assumem dupla jornada de trabalho, redefine estratégias de administração familiar o que dificulta o acompanhamento das atividades escolares dos filhos.

Gráfico 3 – Atividade profissional dos pais

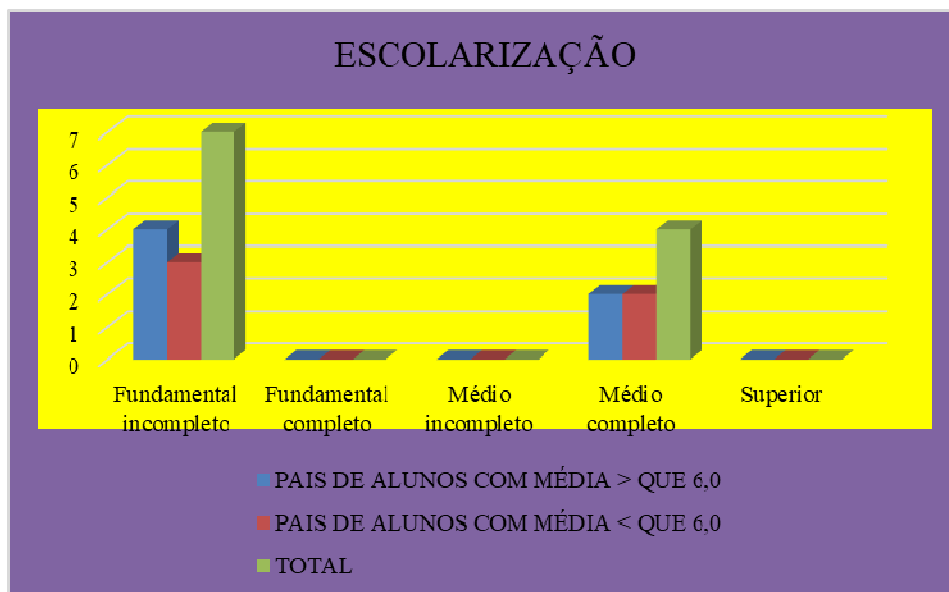


Fonte: dados da pesquisa, 2018

Outra questão observada neste estudo é em relação a escolarização dos pais, apresentado no gráfico 4. Percebe-se que os alunos filhos de pais com maior grau de escolaridade nem sempre detém maiores notas em relação aos filhos de pais com menor escolaridade.

Em outras palavras, o que se pode inferir do gráfico 4 é a pouca relação entre maior escolaridade dos pais e maior rendimento acadêmico dos filhos. Por outro lado, foi possível identificar que o maior número de alunos acima da média são filhos de pais com o Ensino Fundamental incompleto.

Gráfico 4 – escolarização dos pais



Fonte: dados da pesquisa, 2018

A fim de compreendermos a relação família escola dos participantes da pesquisa, apresentamos as características e interação com a instituição de ensino de cada uma delas.

**Família 1** – A mãe é lavradora, especificamente ajudante de vaqueiro, possui ensino fundamental incompleto. A filha, no momento da pesquisa, já havia cursado o 1º ano do Ensino Médio e residindo na zona urbana com a mãe e pai. Em relação ao contexto escolar, a mãe demonstrou preocupação com desenvolvimento da filha, uma vez que apesar de considerar bom os trabalhos dos professores, como também a alimentação oferecida na escola, a filha está fora da média. No entanto a mãe se considera participante ativa de todos os eventos da instituição de ensino, pois acredita ser de extrema importância participar das reuniões e acompanhar as atividades extraclasse.

Quanto a relação familiar filho/pais, a aluna declara ter um ótimo vínculo com os pais, a relação com professores e gestão escolar também declara satisfatória, contudo reclama da falta de tecnologia para aprimorar os conhecimentos na instituição de ensino. A aluna não tem hábito diário de estudo e prefere usar a internet aos livros para estudar. Quanto a participação

dos pais nas reuniões escolares a aluna avalia de grande importância para o rendimento avaliativo.

Neste contexto, as pesquisas de BOURDIEU (1998) e LAHIRE (1997) apontam que, a ligação social e escolar que perpassa as histórias de sucesso ou fracasso escolar, implica diversos fatores considerados fundamentais. Dentre eles pode-se destacar: o valor atribuído à educação pelas famílias, a ordem moral doméstica, o apoio e o esforço dos pais para entender e ajudar os filhos nos seus trabalhos escolares, no caso da família 1 percebe-se que apesar da pouca escolaridade, a mãe está sempre presente na vida escolar da filha. Ainda assim, a aluna não consegue sobressair nos estudos permanecendo abaixo da média em todas as disciplinas.

**Família 2** – A mãe é doméstica, possui ensino fundamental incompleto. A filha, no momento da pesquisa, estava no 1º ano do ensino médio, reside na zona rural com a mãe. Em relação ao contexto escolar, a mãe considera bom o desenvolvimento da filha, uma vez, que as notas estão boas, acima da média anual. Além disso considera bom os trabalhos dos professores, como também a alimentação oferecida na escola. No entanto, a mãe se considera pouco participante nos eventos da instituição de ensino, raramente vai as reuniões e acredita que poderia contribuir mais com as atividades extraclasse da filha

Quanto a relação familiar filha/mãe, a aluna declara ter um ótimo vínculo, a relação com professores e gestão escolar também declara satisfatória, contudo reclama da falta de tecnologia para aprimorar os conhecimentos na instituição de ensino e também considera insatisfatória a alimentação oferecida. A aluna não tem hábito diário de estudo e costuma usar a internet e livros para estudar. Quanto a participação dos pais nas reuniões escolares a aluna avalia de grande importância para o rendimento avaliativo.

Estudos apontam os efeitos da importância da participação dos pais na escola para o desempenho dos alunos, contudo a participação dos pais não deve ser vista como aquela que assegura o bom desempenho. O desenvolvimento escolar do aluno é um processo que se desenvolve na escola e com influência da família; não depende exclusivamente da família. No caso

da aluna 2 percebemos que apesar do pouco acompanhamento da mãe ela consegue notas boas.

Carvalho (2000) questiona os discursos de que a família tem de dar assessoria, tem de ajudar em casa, como ficam aquelas famílias cujas mães não têm essa possibilidade, não têm cabedal cultural para isso e nem disponibilidade de tempo? Então, essas crianças estariam fadadas ao insucesso escolar? Numa sociedade que, atualmente, defende a participação intensa da família na escola, as crianças cujas famílias não se enquadram nessa expectativa, certamente sofrem consequências negativas por parte dos professores.

Para Carvalho (2000), o aluno deve ser preparado de acordo com o seu contexto e a escola deve aprender a conviver com as diferenças e as constantes mudanças familiares. Também deve participar ativamente dessas mudanças, ou seja, promover mudanças em sua forma de atuação, a fim de que saiba lidar tanto com a família que tem tempo disponível para uma participação maior como com aquela cujos pais não têm tempo, pois é importante considerar que esta tem preocupações similares à daquela.

**Família 3**– A mãe é costureira, possui ensino médio completo. A filha, no momento da pesquisa, estava no 1º ano do ensino médio, reside na zona urbana com a mãe e pai. Em relação ao contexto escolar, a mãe considera ótimo o desenvolvimento da filha, uma vez que as notas estão acima da média anual. Além disso considera excelente os trabalhos dos professores e gestores, como também a alimentação oferecida na escola. No entanto, a mãe se considera pouco participante nas reuniões institucionais, pois o horário coincide com o período de trabalho, contudo acredita que é muito importante a participação dos pais nas reuniões e tenta acompanhar as tarefas de casa.

Sobre a participação dos pais e no universo escolar, Sígolo e Lollato (2001) revelam que a mãe, com maior frequência, é quem acompanha as atividades escolares dos filhos e, a partir da realização de tarefas, em casa os pais podem perceber o desenvolvimento ou não de novos comportamentos. Um outro aspecto importante que esses autores concluem refere-se às condições de participação dos pais nas reuniões da escola, por terem

verificado que há participação deles de acordo com a disponibilidade de seus horários de trabalho.

Este fator é apontado também por Heymann e Alison (2000), quando afirmam que aspectos relacionados às ocupações dos pais influenciam nas questões escolares. Muitas mães gostariam de participar e se envolver com a escola, mas são impedidas quando os locais onde trabalham não concedessem a elas um período para estas atividades. Os referidos autores assinalam que o envolvimento com a escola, na classe desfavorecida, é mais frequente entre as mães do que entre os pais e que essas se envolvem, na medida em que conhecem o conteúdo escolar e tem oportunidade de participar.

Quanto a relação familiar filha/pais, a aluna declara ter um ótimo vínculo [...] “é um relacionamento saudável, há diálogo e pouco desentendimento” (Aluna F3). A relação com professores e gestão escolar também declara satisfatória. “São ótimos professores, capacitados e buscam a maneira mais dinâmica de ministrar as aulas, apesar das dificuldades enfrentadas no sistema público de ensino” (Aluna F3), contudo reclama da falta de tecnologia para aprimorar os conhecimentos na instituição de ensino, “é necessário oferecer equipamentos nos laboratórios de computação” (Aluna F3), e também considera satisfatória a alimentação oferecida.

A aluna tem hábito diário de estudo e costuma usar a internet e livros para estudar. Quanto a participação dos pais nas reuniões escolares a aluna avalia de grande importância para o rendimento avaliativo, mas compreende a pouca participação dos seus pais.

**Família 4** – A mãe é do lar, possui ensino médio completo. A filha, no momento da pesquisa, estava no 2º ano do ensino médio, reside na zona urbana com o pai e mãe. Em relação ao contexto escolar, a mãe considera regular o desenvolvimento da filha, as notas não estão boas, abaixo da média anual. Apesar disso, considera bom os trabalhos dos professores, como também a alimentação oferecida na escola. No entanto, a mãe se considera pouco participante nos eventos da instituição de ensino, raramente vai às reuniões e acredita que poderia contribuir mais com as atividades extraclasse da filha.

Quanto a relação familiar filha/pais, a aluna declara ser regular, visto que quase não conversa com os pais. A relação com professores e gestão escolar declara satisfatória, contudo reclama da falta de tecnologia para aprimorar os conhecimentos, também não gosta de estudar no integral, pois gostaria de trabalhar em um turno. A aluna considera insatisfatória a alimentação oferecida, a mesma não tem hábito diário de estudo e costuma usar a internet e livros para estudar. Quanto a participação dos pais nas reuniões escolares a aluna mesmo sabendo da pouca participação dos seus pais avalia de grande importância para o rendimento avaliativo.

Neste contexto podemos citar Goddard, Tschannen e Hoy (2001), quando afirmam que o sucesso escolar é uma construção social que se constitui, frequentemente, de crenças e concepções compartilhadas por pais e alunos. Dentre vários aspectos da dinâmica desse sucesso, faz-se necessária uma interação dos pais com o cotidiano escolar, incluindo a relação pais-professores, de modo a que ocorra um comprometimento da família com o sistema de ensino.

**Família 5** – A mãe é lavradora, possui ensino médio completo. A filha, no momento da pesquisa, estava no 3º ano do ensino médio, reside na zona rural com o pai e mãe. Em relação ao contexto escolar, a mãe considera regular o desenvolvimento da filha apesar das notas estarem abaixo da média anual. A mãe não considera bom os trabalhos dos professores, como também critica a alimentação oferecida na escola, acredita que poderia ser mais saudável. Conquanto considera pouco participante nos eventos da instituição de ensino, raramente vai às reuniões e disse que poderia contribuir mais com as atividades extraclasse da filha.

Quanto a relação familiar filha/pais, a aluna declara ser regular, visto que quase não conversa com os pais, e não recebe muita atenção da família. A relação com professores e gestão escolar declara satisfatória, contudo reclama da falta de tecnologia para aprimorar os conhecimentos, também dos materiais esportivos utilizados na área da educação física. A aluna considera insatisfatória a alimentação oferecida e com relação aos estudos não tem hábito diário de leitura e costuma usar a internet ao invés de livros para

pesquisar. Quanto a participação dos pais nas reuniões escolares a aluna mesmo sabendo da pouca participação dos seus pais avalia de grande importância para o rendimento avaliativo.

Sabe-se que a família é a primeira educadora da criança, responsável pelos primeiros passos dado por ela, segundo Szymanski (2003 p.22) “é na família que a criança encontra os “outros” e, por meio deles, aprende os modos de existir – seu mundo adquire significado e ela começa a constituir-se como sujeito”. Na fala da aluna 5 percebe-se como a falta de diálogo com a família influencia as relações dos sujeitos, visto que nas respostas há um desencontro de opiniões, quando a aluna, o contrário da mãe, demonstra satisfação com o trabalho dos professores. Outro fator identificado nas respostas da aluna é o sentimento pela falta de atenção recebida dos pais.

**Família 6** – A mãe é merendeira, possui ensino fundamental incompleto. A filha, no momento da pesquisa, estava no 3º ano do ensino médio, reside na zona rural com o pai e mãe. Em relação ao contexto escolar, a mãe considera ótimo o desenvolvimento da filha apesar das notas estarem abaixo da média anual. A mãe considera bom os trabalhos dos professores, como também a alimentação oferecida na escola. Conquanto considera pouco participante nos eventos da instituição de ensino, raramente vai às reuniões e disse que sempre acompanhou a realização das atividades extraclasse da filha, no entanto nem sempre pode ajudar pois não tem a formação necessária para ensinar.

Neste sentido, Szymanski (2003) afirma, existirem inúmeras dificuldades que a família enfrenta para colaborar com as atividades da escola, que vão desde baixa escolaridade dos pais quanto às condições financeiras da família, porém toda participação é de extrema importância, pois mostra à criança que a família está preocupada com sua educação, que dá importância na escola onde ele está a maior parte do tempo, e que apesar de não estar presente sempre, faz o possível para acompanhar o desenvolvimento do filho.

Quanto a relação familiar filha/pais, a aluna declara ser boa. A relação com professores e gestão escolar declara satisfatória, acha suficiente os materiais didáticos e tecnológicos oferecidos na escola. A aluna considera

satisfatória a alimentação oferecida e com relação aos estudos não tem hábito diário de leitura e costuma usar a internet ao invés de livros para pesquisar. Quanto a participação dos pais nas reuniões escolares a aluna mesmo sabendo da pouca participação dos seus pais avalia de grande importância para o rendimento avaliativo.

**Família 7** – A mãe é lavradora, possui ensino fundamental incompleto. O filho, no momento da pesquisa, estava no 1º ano do ensino médio, reside na zona urbana com mãe. Em relação ao contexto escolar, a mãe considera ótimo o desenvolvimento do filho apesar das notas estarem abaixo da média anual. A mãe considera bom os trabalhos dos professores, como também a alimentação oferecida na escola. Além disso considera participante nos eventos da instituição de ensino, está sempre presente nas reuniões, no entanto disse que poderia contribuir mais com as atividades extraclasse da filha.

Quanto a relação familiar filho/mãe, o aluno declara ser ótimo. A relação com professores e gestão escolar declara satisfatória, contudo reclama da falta de tecnologia para aprimorar os conhecimentos. O aluno considera satisfatória a alimentação oferecida e com relação aos estudos não tem hábito diário de leitura e costuma usar a internet ao invés de livros para pesquisar. Quanto a participação dos pais nas reuniões escolares o aluno avalia de pouca importância para o rendimento escolar.

No entanto, López (2002) enfatiza que a participação da família na escola muito mais que uma obrigação, deve tornar-se um canal aberto de trocas de ideias, afim de favorecer o processo educativo. Para o referido autor são inúmeros os desafios no compromisso de educar. Tanto para a escola como para a família exige-se, cada vez mais, saber lidar com situações que comprometem o aprendizado, que muitas vezes não se resolvem somente com o saber técnico, mas também com a capacidade de relacionar-se e trabalhar em grupo.

Neste sentido, percebe-se a necessidade de fomentar uma maior aproximação da família com a escola, visto que ambas são instituições responsáveis pela formação do cidadão.



**Família 8** – A mãe é lavradora, possui ensino fundamental incompleto. O filho, no momento da pesquisa, estava no 1º ano do ensino médio, reside na zona rural com a mãe. Em relação ao contexto escolar, a mãe considera regular o desenvolvimento do filho apesar das notas estarem acima da média anual. Considera bom os trabalhos dos professores, como também a alimentação oferecida na escola. Contudo, acredita ter pouca participação nos eventos da instituição de ensino, nem sempre está presente nas reuniões, no entanto disse que é muito importante participar, apesar disso, sempre busca contribuir com as atividades extraclasse da filha.

Por este ângulo, Parolim (2007) afirma que cabe à família a tarefa de estruturar o sujeito em sua identificação, individuação e autonomia. Isso vai acontecendo à medida em que a criança vive seu dia a dia inserida em um grupo de pessoas que lhe dão carinho apresentam-lhe o funcionamento do mundo, oferecem-lhe suporte material para suas necessidades, conta-lhes histórias, fala sobre as coisas e os fatos conversa sobre o que pensa, ensina-lhe a arte da convivência.

De acordo com a citação acima, a participação da família na escola vai além da participação da família nas reuniões, o acompanhamento das atividades, o ensinamento da boa convivência também influencia na formação humana e intelectual.

Quanto a relação familiar mãe/filho, o aluno declara ser ótimo. A relação com professores, gestão escolar e materiais didáticos, declara satisfatória. O aluno considera satisfatória a alimentação oferecida e com relação aos estudos dedica diariamente até uma hora e meia para realizar as tarefas e estudar, para tanto utiliza além da internet os livros para pesquisar. Quanto a participação dos pais nas reuniões escolares o aluno avalia de muita importância para o rendimento escolar.

**Família 9** – A mãe é agricultora, possui ensino fundamental incompleto. A filha, no momento da pesquisa, estava no 2º ano do ensino médio, residindo na zona rural com o pai/mãe. Em relação ao contexto escolar, a mãe considera ótimo o desenvolvimento da filha, com as notas acima da média anual.

Considera bom os trabalhos dos professores, contudo, acredita que a alimentação deveria ser mais diversificada. A mãe acredita ter pouco participação nos eventos da instituição de ensino, nem sempre está presente nas reuniões, no entanto disse que é muito importante participar, apesar disso, sempre busca contribuir com as atividades extraclasse da filha e afirma que a menina é muito dedicada.

Neste contexto, a família, portanto, é o fundamental alicerce na vida do aluno e seu papel é decisivo no sucesso da vida do aluno, mas sozinha não consegue dar conta da tarefa de educar. Assim, a escola se torna uma aliada e as reuniões escolares um instrumento para realizar discussões efetivando ações com objetivos de fortalecer os laços na busca de resultados concretos no processo de ensino aprendizagem.

Kaloustian (1988) afirma que a família propicia os aportes afetivos e, sobretudo materiais necessários ao desenvolvimento e bem estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais.

Quanto a relação familiar pais/filha, a aluna declara ser ótimo. A relação com professores, com a gestão escolar e a oferta de materiais didáticos, declara satisfatória. A aluna considera satisfatória a alimentação oferecida e com relação aos estudos dedica diariamente mais de uma hora diária para realizar as tarefas e estudar, para tanto utiliza a internet para pesquisar. Quanto a participação dos pais nas reuniões escolares a aluna avalia de muita importância para o rendimento escolar.

**Família 10** – A mãe é dona de casa, possui ensino médio completo. A filha, no momento da pesquisa, estava no 1º ano do ensino médio, reside na zona urbana com o pai/mãe. Em relação ao contexto escolar, a mãe considera ótimo o desenvolvimento da filha, com as notas acima da média anual; Considera bom os trabalhos dos professores, contudo, acredita que a alimentação poderia ser melhor. A mãe acredita ter boa participação nos

eventos da instituição de ensino, sempre está presente nas reuniões, afirma que é muito importante participar e que nem sempre conseguiu contribuir com as atividades extraclasse da filha, contudo isso não interfere no rendimento.

Quanto a relação familiar pais/filha, a aluna declara ser ótimo. A relação com professores, gestão escolar, declara satisfatória, em relação aos equipamentos e materiais didáticos julga insuficiente. A aluna considera insatisfatória a alimentação oferecida e com relação aos estudos dedica diariamente até meia hora para realizar as tarefas e estudar, para isso utiliza além da internet os livros para pesquisar. Quanto a participação dos pais nas reuniões escolares a aluna avalia de muita importância para o rendimento escolar.

Neste contexto, fica evidente que a família deve colocar a importância da escola na vida do filho, mostrar os caminhos que os estudos abrem na vida do indivíduo. A participação na vida escolar pode e deve acontecer mas, sem dúvida, uma das preocupações da escola atualmente é, o que fazer para atrair a família com objetivo de compartilhar a responsabilidade. A família deve participar ativamente da vida escolar de seu filho, um aspecto que tem-se discutido entre escola, famílias e professores são as tarefas para realizar em casa, pois na maioria das vezes os alunos não realizam, como observou Parolim (2007) em suas pesquisas com pais e alunos.

A autora evidencia a necessidade de reflexão sobre as tarefas de casa, tanto por parte da escola como por parte da família. A escola deve trabalhar com o aluno a importância e objetivo da atividade. A lição de casa jamais deve ser vista como um castigo no ambiente familiar, muitas vezes a família alega não poder ajudar o filho por falta de tempo, baixo grau de escolaridade entre outros, esquecendo que a presença, mesmo que seja com tempo reduzido, pode representar confiança e segurança, suprimindo muitas vezes uma disponibilidade maior de tempo, porém com um certo vazio.

A atividade de casa é um assunto que deve contemplar o cronograma das reuniões com os pais, e o professor como mediador deve expor com clareza a finalidade da mesma pois é notório que há muitos conflitos em sala de aula. O envolvimento da família no acompanhamento e auxílio das

atividades escolares é importante, porém não se pode isentar o aluno também de sua responsabilidade.

Neste sentido, os alunos pesquisados não apresentam o hábito diário de estudo em casa, isso pode ser verificado pelas baixas médias.

**Família 11** – O pai é chaveiro, possui ensino fundamental incompleto. A filha, no momento da pesquisa, estava no 3º ano do ensino médio, reside na zona urbana com o pai/mãe. Em relação ao contexto escolar, o pai considera ótimo o desenvolvimento da filha, com as notas acima da média anual; Considera bom os trabalhos dos professores, bem como, a alimentação da escola. O pai acredita ter mediana participação nos eventos da instituição de ensino, nem sempre está presente nas reuniões, afirma que é muito importante participar contudo, nem sempre conseguiu contribuir com as atividades extraclasse da filha.

Quanto a relação familiar pais/filha, a aluna declara ser ótimo. A relação com professores, gestão escolar, declara satisfatória, em relação aos equipamentos e materiais didáticos julga insuficiente. A aluna considera satisfatória a alimentação oferecida e com relação aos estudos dedica diariamente até uma hora para realizar as tarefas e estudar, para isso prefere utilizar a internet para pesquisar. Quanto a participação dos pais nas reuniões escolares a aluna avalia de muita importância para o rendimento escolar.

A família 11 foi o único caso em que o questionário foi respondido pelo pai, considerando que, dos onze entrevistados existem dois alunos que moram apenas com a mãe. Este é um sinal de que a responsabilidade sobre a vida escolar do(a) filho(a) fica reservado quase sempre para a mãe. Isso pôde ser comprovado pela análise das atas de reunião de pais e mestres do CECC, onde percebe-se uma diferença muito grande no percentual de mães em relação ao dos pais.

DAL'IGNA (2011), enfatiza que a mesma construção ideológica sobre os gêneros masculino e feminino passou ser aplicado na relação mulheres-mães e homens-pais e, por isso:

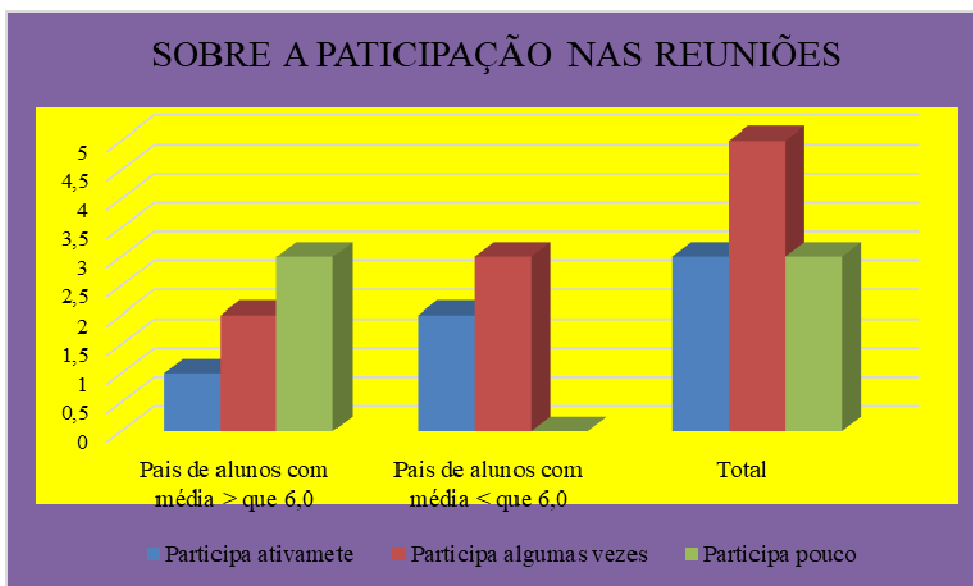
(...) os mesmos discursos que permitem que as mulheres-mães sejam narradas e posicionadas como responsáveis pelo acompanhamento da vida escolar dos filhos possibilitam que a ausência dos homens-pais nesse processo seja significanda como natural (DAL'IGNA, 2011, p.49).

A pesquisa evidenciou que para muitos pais, estar presente tem um significado físico, frequentar o espaço escolar, participar das reuniões, eventos e outros compromissos. Para outros, a presença na vida escolar dos filhos significa estabelecer relações com os conteúdos que eles estão aprendendo, ajudar nas tarefas de casa, verificar se realizou as tarefas.

Neste trabalho, compreendemos que ambas as situações constituem participação, contudo, queremos verificar a relação da presença dos pais nas reuniões escolares com as notas dos filhos, assim, percebemos que de todos participantes da pesquisa, somente três pais são participantes ativos das reuniões, sendo que cinco declaram participar algumas vezes e três muito pouco, no entanto, dos três pais que estão sempre presentes nas atividades escolares somente um filho tem nota acima de 6, enquanto que três alunos, filhos de pais que pouco participam das reuniões têm notas acima de 6.

Neste sentido fica claro que nem sempre a presença física dos pais na escola contribui para o melhor desenvolvimento dos filhos em relação as notas.

Gráfico 5 – Participação dos pais nas reuniões



Fonte: dados da pesquisa, 2018

Como apresentado no Gráfico anterior o percentual de pais/mães de alunos, com média acima de 6,0 pontos, que pouco participa das reuniões, corresponde a 50% dos entrevistados. Isso equivale ao triplo do percentual de pais/mães que declararam participar ativamente – 16,6%. O grupo de pais/mães de alunos com média abaixo de 6,0, declararam participar ativamente ou participa algumas vezes das reuniões, resultando num percentual de 40% e 60% respectivamente.

Nesse último grupo houve maior equilíbrio das respostas sendo que nenhum pai/mãe declarou pouca participação. Os dados dos gráficos foram construídos com base nas declarações dos sujeitos, podendo ser passível de inconsistências. A maior participação dos pais/ mães de alunos abaixo da média não pode ser associado à tentativa de omissão pois os documentos que registram a frequência dos pais nas reuniões do CECC revelam dados semelhantes.

## CONCLUSÃO

A presente pesquisa abordou um estudo que consistiu em analisar a participação dos pais ou responsáveis nas reuniões e eventos realizados no Colégio Estadual Cerqueira Campos, no período de 2016 a 2018, e o reflexo dessa participação no desempenho escolar dos estudantes do Ensino Médio.

Considerando-se as percepções das famílias e alunos, ficou evidente que todos acreditam que a participação dos pais nos eventos escolares é de extrema importância, contudo, a maioria dos pais participantes não comparecem às reuniões, no entanto este não é um fator decisivo para a melhoria das notas dos estudantes, visto que constatou que mesmo com pais participantes ativos das atividades escolares os alunos não possuem notas acima de 6 pontos, o que ficou visível que a relação reunião desempenho escolar não estão aliado para os alunos da instituição de ensino pesquisada.

Todos concordam que a efetiva participação dos pais na vida escolar dos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental é de suma importância para a melhoria da aprendizagem. O que provavelmente tenha contribuído por apresentar um resultado diferente nesta pesquisa seja o fato de se tratar do Ensino Médio. Neste caso, é possível que outros fatores, como força de vontade do aluno e contexto histórico social vivido por cada estudante, são importantes no processo de aprendizagem.

O aporte teórico ajudou-nos a compreender como o conceito de família vem se constituindo ao longo dos séculos e sua influência na escola e na vida estudantil, além disso discutimos a abrangência do termo família e sobre a influência religiosa e o lugar da mulher na família.

No percurso metodológico optou-se por realizar uma pesquisa de natureza qualitativa, tomando como referência os estudos de Minayo (1994). Com base nesse pressuposto, realizamos a interpretação de como a relação família-escola influenciam no desempenho escolar dos/as estudantes a partir do olhar do pesquisador sobre um grupo delimitado de indivíduos, estabelecendo contato direto com os mesmos, observando as relações

familiares e o contexto sócio-histórico em que estes vivem, além disso, apresentamos o campo empírico do estudo, com os sujeitos participantes e local da pesquisa.

De acordo com os objetivos propostos no início deste estudo identificou-se que poucos pais comparecem assiduamente nas reuniões e eventos promovidos pelo colégio, apesar de acharem muito importante a participação nas atividades desenvolvidas pela escola. Quanto ao desempenho acadêmico dos alunos, ficou visível que os maiores rendimentos, em nota, não tem relação com a participação nas reuniões, visto que do total pesquisado identificou-se maior assiduidade de pais/mães com filhos que tem nota abaixo da média enquanto a maioria dos pais/mães com filho acima da média nem sempre estão presentes nas reuniões.

Apesar dos indícios da pouca influência da participação dos pais no desempenho acadêmico dos alunos do CECC, não se deve descartar a sua importância na formação da personalidade do adolescente, na construção de suas relações interpessoais dentro e fora do ambiente escolar.

Neste contexto, esperamos que o presente trabalho e análises possam contribuir para ampliar as discussões sobre a temática estudada, sabemos que muito se tem a explorar sobre o assunto a fim de encontrar caminhos para melhoria da evolução dos alunos na escola.



**REFERÊNCIAS:**

AMADO, J.; COSTA, A. P.; CRUSOÉ, N. A técnica da análise de conteúdo. In: AMADO, J. (Org.). **Manual de investigação qualitativa em educação**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013. p. 301-351.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

BAHIA, Governo da. Cartografia Temática – Regionalizações. Disponível em: [http://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2650&Itemid=657](http://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2650&Itemid=657). Acesso em 05 de out. de 2018.

BAHIA, Secretaria da Educação. Educação Corporal, Artística e Cultural. Disponível em: <http://www.educacao.ba.gov.br/>. Acesso em 06 de nov. de 2018.)

BAHIA. Secretaria de Educação. **Orientações às Atividades Complementares (AC)**. Jornada Pedagógica 2015. SEC: BA, 2015

BORBA, Francisco da Silva. **Dicionário UNESP do português contemporâneo**. 1ª ed. São Paulo: UNESP, 2004.

BOURDIEU, Pierre, PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Trad. Reynaldo Bairão. 7ª ed. Rio de Janeiro: S.A, 1975.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as dificuldades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. Alice; CATANI, Afrânio (Orgs). **Escritos de Educação**. 4ª edição. Rio de Janeiro. Petrópolis, Vozes, 1998, p. 39-64

BRASIL, Bahia Candiba. Aniversários dos municípios. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/candiba/historico>. Acesso em 15 de nov. de 2018.

BRASIL, Governo do. Código Civil Brasileiro. 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2002](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002). Acesso em 14 de jan. de 2019.

BRASIL, Governo do. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil03/leis/19394.htm>. Acesso em 18/01/2019.

BRASIL, Ministério da Educação. Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (INEP). 2018. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=3343089>. Acesso em 15 de out. de 2018.

CARVALHO, M. E. P. de. **Relações entre família e escola e suas implicações de gênero.** 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n110/n110a06.pdf> Acesso em 15 de nov. de 2018

DAL'IGNA, Maria Cláudia. **Família S/A: um estudo sobre a parceria família-escola.** 2011. Disponível em: <<https://osfefae.wordpress.com/banco-de-teses/>>. Acesso em 02 de ago. de 2017.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** 12 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

FREITAS, Lorena de. A Instituição do Fracasso. In: SOUZA, Jessé (org.). **Ralé Brasileira: quem é e como vive.** Belo Horizonte: editora UFMG, 2009.p.281-304.

GATTI, Bernardete A. A Construção Metodológica da Pesquisa em Educação: Desafios. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 28, n.1, p. 13-34, jan/abr. 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODDARD, R., TSCHANNEN, M. M., & Hoy, W. (2001). **A multilevel examination of the distribution and effects of teacher trust in students and parents in urban elementary schools.** Elementary School Journal, 102(1), 3-17.

HEYMANN, S. J., & ALISON, E. (2000). **Low-income** parents: how do working conditions affect their opportunity to help school-age children at risk? American Educational Research Journal, 37(4), 833-848.

KALOUSTIAN, S. M (org). **Família brasileira a base de tudo.** São Paulo: Cortez, Unicef, 1988.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável.** 1ª ed. São Paulo: Ática,1997.

LÓPEZ, J. S. **Educação na família e na escola: o que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 2002

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Rio de Janeiro.Petrópolis: Vozes, 1994.

NASCIMENTO, Maria do Rosário Pessoa. A Família numa Perspectiva Histórica e Legislativa. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DAS FACULDADES EST, 02, 2014, São Leopoldo. **Anais[...]** São Leopoldo, 2014.

Disponível em: [anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/download/261](http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/download/261). Acesso em 13 de ago. de 2018.

OENNING, Lilian Isana G. Rocah. Os adolescentes e a ausência de projetos de vida: um estudo sobre o perfil dos “nem-nem”. 2017. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br>. Acesso: 31 de jan. de 2019

ONU mulheres. Mais igualdade para as mulheres brasileiras: caminhos de transformação econômica e social. 2016. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/>. Acesso em 18 de jan. de 2019.

PARO, Vitor Henrique. **Qualidade do Ensino: a contribuição dos pais**. 1ª ed. São Paulo: Xamã, 2000.

PAROLIM, I. C. **Pais e educadores: quem tem tempo de educar?** Porto Alegre: Mediação, 2007.

PRADO, Danda. **O que é Família**. 10ª ed. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A Família em Desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 2003

SAMARA, Eni de Mesquita. A Família Brasileira. Coleção Tudo é História. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SIGOLO, S. R. R. L.; LOLLATO, S. O. Aproximações entre escola e família: um desafio para educadores. In CHAKU, C. R. S. L. (Org.). **Problemas da educação sob olhar da psicologia**. Araraquara: Laboratório Editorial/Cultura Acadêmica, 2001. p. 37-65.

SOUZA, Sirley Aparecida de. Juventudes: é possível falar em cultura juvenil?. In: I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO – SIRSSE, 2011, Curitiba. **Anais[...]** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4252\\_2299.pdf](https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4252_2299.pdf). Acesso em 22/01/2019.

SZYMANZKI, Heloisa. **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. 1ª reimpressão. Brasília: Plano Editora, 2003.

TRANCOSO, Alcimar Enéas Rocha; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto. Aspectos do Conceito de Juventude nas Ciências Humanas e Sociais: análises de teses, dissertações e artigos produzidos de 2007 a 2011. **Pesqui. Prát. Psicossocial**, vol. 11, nº 2, p.278-294, maio/agosto, 2016.

VILA NOVA, Sebastião. **Introdução à Sociologia**. 5ª ed. – São Paulo: Atlas, 2000.

VILHENA, Junia. **Repensando a Família**. 2005. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0229.pdf>. Acesso em 06 de jul. de 2018.

ZAGURY, Tania. **O Adolescente por ele mesmo**. 9ª edição. São Paulo: Editora Record, 1996.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO DE PESQUISA A ALUNOS DA 1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO DOS ANOS 2016 A 2018

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “A Família e sua Influência no Desempenho Escolar”, realizada por Etevaldo da Silveira Caldas, pesquisador do Mestrado em Ciências da Educação da FICS – Faculdade Interamericana de Ciências Sociais.

A pesquisa tem como objetivo conhecer aspectos relevantes da relação família-escola em uma turma de ensino médio num Colégio Estadual no município de Candiba, estado da Bahia.

Antecipo que em nenhum momento o seu nome será revelado, de modo que terá sua identidade preservada. Os dados aqui colhidos serão usados exclusivamente como fonte de dados e execução da referida pesquisa.

#### 1 – Identificação

1.1 Endereço residencial:  área urbana  área rural

1.2 sexo:  Feminino  Masculino

1.3- Cor:  Amarela  Branca  Indígena  Negra  Parda

1.4- Em que ano você cursou a 1ª série do Ensino Médio:

2016  2017  2018

#### 2- Com quem você mora?

pai/mãe  mãe  pai  avós  irmãos  tios

#### 3 – Você é portador(a) de alguma necessidade educativa especial?

sim  não

Caso seja sim  
especifique \_\_\_\_\_

3.1 – Que estratégia tem usado pra poder acompanhar as aulas e aprender os conteúdos?

\_\_\_\_\_

3.2 - Tem sentido dificuldade no acompanhamento das aulas:

raramente  algumas vezes  quase sempre

Espaço para  
justificativa \_\_\_\_\_

4 – como você considera sua relação com seu pai e/ou sua mãe.

ótimo       bom       regular       precário

Justificativa: \_\_\_\_\_

**5** – Com que frequência seus pais participam das reuniões da escola.

frequentemente       as vezes       raramente       nunca

**6**- Quanto ao trabalho dos professores(as) da escola onde você estuda, se sente:

Satisfeito(a)

Muito satisfeito(a)

Insatisfeito(a)

Justificativa: \_\_\_\_\_

**7**- Quanto à alimentação oferecida na escola:

Satisfeito(a)

Muito satisfeito(a)

Insatisfeito(a)

Justificativa: \_\_\_\_\_

**8**- Em relação à gestão da escola você considera:

Satisfeito(a)

Muito satisfeito(a)

Insatisfeito(a)

Justificativa: \_\_\_\_\_

**9**- Quanto ao trabalho dos professores:

Satisfeito(a)

Muito satisfeito(a)

Insatisfeito(a)

Justificativa: \_\_\_\_\_

**10**- Quanto aos equipamentos e materiais didáticos oferecidos na escola você considera:

Ótimo

Suficiente

Insuficiente

Justificativa: \_\_\_\_\_

**11** – Sobre o acompanhamento das atividades escolares realizadas em casa, seus pais:

- conferem e ajudam na resolução quando necessário.
- apenas conferem pra ficarem cientes do que é realizado na escola.
- raramente conferem ou perguntam sobre as atividades escolares.
- nunca conferiram ou perguntaram sobre as atividades escolares.

**12** – Quanto tempo você se dedica, por dia, aos estudos em casa?

- até 30 minutos
- de 30 minutos a 1 hora
- mais de 1 hora por dia

**13**- Qual/quais ferramentas abaixo você utiliza como fonte de leitura?

- Livros  Jornais
- Revistas  Internet
- Outros \_\_\_\_\_

**14**- Qual/ quais tipos de conteúdo você costuma ler?

- Notícias  Entretenimento
- Esporte  Conteúdos relacionados às matérias escolares
- Outros \_\_\_\_\_

**15**– Como você avalia a participação de seus pais nas reuniões convocadas pela escola:

- Muito importante
- Pouco importante
- Sou indiferente à participação deles

Justificativa: \_\_\_\_\_

**16**– Dê uma nota de 0 a 5 quanto à importância da participação dos pais nas reuniões e eventos da escola onde você frequenta ou frequentou. (considere o valor 0 para nenhuma importância e o valor 5 para o que considerar mais relevante).

- a) Quanto à frequência  0  1  2  3  4  5
- b) Quanto ao comportamento  0  1  2  3  4  5
- c) Quanto ao rendimento  0  1  2  3  4  5
- d) Quanto à relação com colegas  0  1  2  3  4  5
- e) Quanto à relação com professores  0  1  2  3  4  5
- f) Quanto à relação com a direção  0  1  2  3  4  5

**APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO DE PESQUISA AOS PAIS DE ALUNOS DA 1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO DOS ANOS 2016 A 2018**

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “A Família e sua Influência no Desempenho Escolar”, realizada por Etevaldo da Silveira Caldas, pesquisador do Mestrado em Ciências da Educação da FICS – Faculdade Interamericana de Ciências Sociais.

A pesquisa tem como objetivo conhecer aspectos relevantes da relação família-escola em uma turma de ensino médio num Colégio Estadual no município de Candiba, estado da Bahia.

Antecipo que em nenhum momento o seu nome será revelado, de modo que terá sua identidade preservada. Os dados aqui colhidos serão usados exclusivamente como fonte de dados e execução da referida pesquisa.

**1 – Identificação**

1.1 Endereço residencial:

( ) área urbana

( ) área rural

1.2 Sexo:

( ) Feminino

( ) Masculino

1.3 Escolarização:

( ) Fundamental incompleto

( ) Fundamental completo

( ) Ensino Médio incompleto

( ) Ensino Médio completo

( ) Ensino Superior

1.4 Profissão: \_\_\_\_\_

1.5 Área de atuação: \_\_\_\_\_

2 – como você considera sua relação com seu(a) filho(a).



ótimo     bom     regular     precário

3 – Sobre o desenvolvimento de seu filho(a) você está:

Satisfeito(a)

Muito satisfeito(a)

Insatisfeito(a)

Preocupado(a)

Espaço para justificativa

---

4- Quanto ao trabalho dos professores(as) de seu(a) filho(a) você está:

Satisfeito(a)

Muito satisfeito(a)

Insatisfeito(a)

Espaço para justificativa

---

5- Quanto à alimentação oferecida na escola:

Satisfeito(a)

Muito satisfeito(a)

Insatisfeito(a)

Espaço para justificativa

---

6 – Como é a sua participação na escola, participa de todos os eventos e reuniões que a escola realiza?

- Participa ativamente
- Participa algumas vezes
- Participa pouco

Espaço para justificativa

---

7 – Participar das reuniões de pais e mestres para saber como seu(a) filho(a) está na escola, para você é:

- Muito importante
- Pouco importante
- Minha participação é indiferente

Espaço para justificativa

---

8 – Sobre o acompanhamento nas atividades escolares de seu filho(a):

- Fui bem presente
- Deveria ter auxiliado mais
- Não acompanho de forma alguma

Espaço para justificativa

---